

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS FACULDADE
DE ARTES VISUAIS

FILIFE TAVARES DOS SANTOS

**“A HISTÓRIA DE ZÉ ZEN: APRENDIZ DE
MONGE NO SERTÃO” - LIVRO
ILUSTRADO**

GOIÂNIA, 2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DIGITAL DE MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL – RI/UFG

Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso

Autor(es): FILIPE TAVARES DOS SANTOS	
E-mail: tavares.filip@gmail.com	
O(s) e-mail(s) pode(m) ser disponibilizado(s) na página? (x) Sim () Não	
Título do trabalho: “A HISTÓRIA DE ZÉ ZEN: APRENDIZ DE MONGE NO SERTÃO” - LIVRO ILUSTRADO	
Palavras-chave: Ilustração, Nordeste Brasileiro, Design Editorial, Livro Infante-juvenil	
Título em outra língua: “The Story of Zé Zen: A Monk Apprentice in the Sertão” - Illustrated Book	
Palavras-chave em outra língua: Illustration, Brazilian Backcountry, Editorial Design, Young Readers Literature.	
Data da defesa: 14/12/2016	Curso: Bacharelado em Design Gráfico
Orientador (a): MARIA CECÍLIA FITTIPALDI VESSANI	

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

- a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional - RI/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? () Sim (x) Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim

() Sim, contando que outros compartilhem pela mesma licença .

(x) Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Goiânia 20 de DEZEMBRO de 2016.



Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

FILIFE TAVARES DOS SANTOS

**“A HISTÓRIA DE ZÉ ZEN:
APRENDIZ DE MONGE NO SERTÃO” - LIVRO
ILUSTRADO**

ORIENTADORA

Ms. MARIA CECÍLIA FITTIPALDI VESSANI

Relatório de pesquisa apresentado como requisito
para obtenção do grau de bacharel em Artes
Visuais com habilitação em Design Gráfico na
Universidade Federal de Goiás.

GOIÂNIA, 2016

dos Santos, Filipe
“A HISTÓRIA DE ZÉ ZEN: APRENDIZ DE MONGE NO SERTÃO” -
LIVRO ILUSTRADO [manuscrito] / Filipe dos Santos. - 2016.
43 f.: il.

Orientador: Profa. Maria Cecília Vessani.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2016.
Bibliografia.

1. Ilustração. 2. Nordeste Brasileiro. 3. Design Editorial. 4. Livro
Infanto juvenil. I. Vessani, Maria Cecília , orient. II. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO**

FILIFE TAVARES DOS SANTOS

**“A HISTÓRIA DE ZÉ ZEN: APRENDIZ DE MONGE NO SERTÃO” -
LIVRO ILUSTRADO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Design Gráfico da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Defendido e aprovado publicamente em 14 de DEZEMBRO de 2016, pelos seguintes membros da banca:



Ms. Maria Cecilia Fittipaldi Vessani– Orientador (a)
Universidade Federal de Goiás



Dr. Ravi Passos– Avaliador (a)
Universidade Federal de Goiás



Esp. Fabiana Queiroga – Avaliador (a)
PUC GOIÁS

GOIÂNIA 2016

*“NO CENTRO DO SERTÃO,
O QUE É DOIDEIRA ÀS VEZES PODE SER A
RAZÃO MAIS CERTA E DE MAIS JUÍZO!”*

GUIMARÃES ROSA
GRANDE SERTÃO VEREDAS

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende desenvolver o livro ilustrado “A História de Zé Zen: Aprendiz de Monge no Sertão”, de interesse do público infanto-juvenil abordando os temas de espiritualidade e cultura sertaneja brasileira do Nordeste. O objetivo é, utilizar a narrativa e ilustrações inéditas para criar um objeto de design. Para tanto, serão desenvolvidas ilustrações originais para a narrativa autoral, assim como o projeto gráfico editorial.

PALAVRAS-CHAVE:

Ilustração, Nordeste Brasileiro, Design Editorial, Livro Infanto-juvenil.

ABSTRACT

The present course conclusion project aims to develop an illustrated book: “A História de Zé Zen: Aprendiz de Monge no Sertão”, a book directed to young readers, dealing with the themes of spirituality and the back country of Brazil culture. The goal is to use illustrations and narrative to create a design product. In order to do so, illustrations will be developed to the original narrative, as long as the editorial publishing project.

KEYWORDS:

Illustration, Brazilian Backcountry, Editorial Design, Young Readers Literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 JUSTIFICATIVA	8
1.2 OBJETIVOS	8
1.3 METODOLOGIA	9
2. DEFINIÇÃO DA PESQUISA E DOS OBJETOS DE TRABALHO	10
2.1 ZEN BUDISMO E A IMPERMANÊNCIA	9
2.2 OS CONTADORES DE HISTÓRIA DO NORDESTE: LITERATURA DE CORDEL E SUAS IMAGENS	12
2.2.1 JOÃO COSTA LEITE	13
2.2.2 JOSÉ FRANCISCO BORGES (J. BORGES)	13
2.2.3 GILVAN SAMICO	14
2.3 O SERTÃO DE ZÉ ZEN	15
2.4 A NARRATIVA	17
2.4.1 ELEMENTOS NARRATIVOS: SOTAQUE E DIALETOS	18
3. REFERÊNCIAS VISUAIS	18
3.1 JO OLIVEIRA	19
3.2 FERNANDO VILELA	19
3.3 MAURÍCIO NEGRO	20
4. ANÁLISE DE SIMILARES	21
4.1 POR FORA BELA VIOLA	21
4.2 O MENINO DO DINHEIRO DO CORDEL	22
5. A CONSTRUÇÃO DO LIVRO	23
5.1 DEFINIÇÃO DE FORMATO	23
5.2 PAGINAÇÃO: A DISTRIBUIÇÃO DE TEXTO E IMAGEM POR PÁGINA	24
5.3 TIPOGRAFIA	25
5.4 ESPELHO EDITORIAL	28
5.5 DIAGRAMAÇÃO DA CAPA	29

6. CRIAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES	30
6.1 PROCESSO DE CRIAÇÃO	30
6.2 TÉCNICAS DE ILUSTRAÇÃO DIGITAL	33
6.3 CORES	36
6.4 AS ILUSTRAÇÕES FINAIS	37
7. PRODUÇÃO GRÁFICA	42
8. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE	44

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório pretende mostrar as etapas de desenvolvimento das ilustrações e projeto editorial do livro infantil juvenil *“A História de Zé Zen: Aprendiz de Monge no Sertão”*.

A pesquisa busca ambientar os temas tratados, tais como espiritualidade e cultura popular nordestina brasileira ao Design Editorial e Ilustração, trazendo a tona suas especificidades para a criar um objeto de design adequado.

1.1 JUSTIFICATIVA

A realização do presente projeto se dá por três objetos distintos: *produção de narrativa literária, ilustrações e projeto editorial*. O foco será em ilustração e projeto editorial.

Houve uma motivação filosófica para a realização deste projeto editorial, surgida após um retiro de silêncio realizado durante intercâmbio acadêmico (Ciências Sem Fronteiras) em um monastério budista da linha Theravada, localizado na cidade de Kamloops, British Columbia, Canadá, em março de 2013.

Apartir desta experiência, dos muitos ensinamentos estudados, um em especial se faz lembrar até os dias de hoje: o princípio da *IMPERMANÊNCIA*.

A ideia de criar ilustrações que possibilitem diversas interpretações do que possa ser a experiência espiritual permeia este projeto, assim como as múltiplas interpretações que a narrativa aliada às ilustrações possam trazer ao leitor/usuário.

A boa experiência de leitura facilitada pelos recursos provenientes do design gráfico por meio de um objeto com boa legibilidade e legibilidade, acontece no vínculo entre palavra e imagem, na construção de uma poética literária e visual, plástica, que conduza o leitor prazerosamente a construir abstrações que levam a múltiplas interpretações.

O presente projeto pretende desenvolver conhecimentos obtidos nas disciplinas do curso, desenvolvendo um objeto de design possível de ser produzido em escala industrial e projetado para um mercado específico com indicação de um leque de usuários.

1.2 OBJETIVOS

O principal objetivo deste trabalho é projetar um livro que possa proporcionar uma experiência de leitura que aproxime o leitor dos conteúdos abordados - espiritualidade e cultura nordestina brasileira - por meio da interlocução entre imagem, palavra e projeto gráfico. Na relação com o usuário, pretende estimular o interesse do leitor para os temas elencados possibilitando reflexão a respeito de inesperadas interações culturais, tais como budismo e cordel.

Propõe-se por fim que o livro possa intermediar situações de leitura compartilhada em família, nas escolas e em educação religiosa, voltadas para a compreensão da espiritualidade.

1.3 METODOLOGIA

Entendendo que a definição de uma metodologia para o desenvolvimento dos trabalhos a serem executados devesse ser adotada, foram utilizadas as etapas da metodologia elaborada por MUNARI (2002) com algumas adaptações para a construção do projeto de livro ilustrado, sendo elas divididas da seguinte maneira:

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

- Projeto editorial gráfico e criação de imagens para um livro literário infantil juvenil com temática que aborda espiritualidade zen budista no contexto do sertão nordestino.

COLETA DE DADOS E ANÁLISE DE DADOS

- Pesquisa dos temas a serem abordados
- Pesquisa de imagens da fauna, flora e paisagens nordestinas
- Pesquisa da obra de artistas significativos
- Levantamento e seleção de livros similares
- Resenha analítica dos similares

CRIATIVIDADE

- Desenvolvimento de enredo e escrita do texto
- Desenvolvimento de conceito visual adequado ao enredo

EXPERIMENTAÇÃO

- ILUSTRAÇÃO
- Experimentação em processos de ilustração
- Desenvolvimento de esboços das ilustrações
- DESIGN GRAFICO
- Estudo de formato
- Divisão de texto e paginação
- Estudo das manchas gráficas e diagramação do livro
- Pesquisa e definição de tipografia
- Estudo do posicionamento das ilustrações em função da mancha de texto

SOLUÇÃO

- Finalização das ilustrações em suporte digital
- Finalização do projeto editorial e fechamento de arquivos em InDesign
- Definição de indicações para possível produção gráfica

2. DEFINIÇÃO DA PESQUISA E DOS OBJETOS DE TRABALHO

A produção de um livro que pretende servir a crianças e pré-adolescentes utilizando-se de ilustrações e narrativa originais, deve ser baseada em estudos prévios de temas que suportem este livro. Serão apresentados os estudos dos elementos que serviram de inspiração para a construção do livro “Zé Zen: Aprendiz de Monge no Sertão”, tais como o zen budismo, cultura sertaneja nordestina e a literatura de cordel.

2.1 ZEN BUDISMO E A IMPERMANÊNCIA

O termo impermanência é também utilizado na psicanálise, assim como em outras áreas da ciência, entretanto, neste projeto consideraremos para fim de definição dos parâmetros culturais o conceito filosófico zen budista de impermanência, que pode ser melhor compreendido através da explicação de Alexandre Esclapes:

Nada é permanente ao longo do tempo, e em algumas leituras desse conceito, nada é permanente mesmo quando se retira o conceito de tempo. Causas e condições variam constantemente e o seu resultado, portanto, também varia. A aquisição desse conhecimento dentro da tradição budista estaria ligada a correta percepção da realidade.(ESCLAPES.online)

Dentre tantos outros, este princípio, ou “lei”, foi o escolhido para se apresentar na história de Zé Zen por não se confundir com dogma ou orientação religiosa exclusiva da cultura oriental, e desta forma permite melhor intercâmbio com a cultura sertaneja do Nordeste do Brasil, tanto em narrati a como em referências visuais, possibilitando assim, a criação de pontes “inusitadas” na construção da história a ser contada por palavras e desenhos.

De acordo com o livro *Textos Budistas e Zen Budistas* organizado por GONÇALVES (1996), existem três princípios fundamentais dos ensinamentos de Buda: *Princípio da Impermanência, Princípio da Insubstancialidade* ou *do não-eu, Princípio do Incondicionado* ou do *Nirvana*. Em seguida, a respeito da Impermanência, ele diz:

Os homens e o mundo que eles habitam são frutos de um contínuo processo de transformação. Nada é estável. Todas as coisas encontram-se num constante vir-a-ser. Tudo é impermanente e efêmero. Não há lugar neste mundo para um Deus eterno e imutável, nem para almas imortais. O homem não pode mudar a sequência dos fenômenos em função de seus interesses e desejos e, por isso, ele sente e experimenta a impermanência das coisas como algo indesejável, como angústia e sofrimento. (GONÇALVES. 1996, p.15)

2.2 OS CONTADORES DE HISTÓRIA DO NORDESTE: LITERATURA DE CORDEL E SUAS IMAGENS

Assim como a filosofia zen budista serviu de inspiração para a elaboração da narrativa em Zé Zen, os contadores de história do nordeste brasileiro, repentistas e mestres da xilogravura, principalmente das regiões que primeiro se utilizaram da Literatura de Cordel como forma de contar histórias, na área que em linhas gerais, se estende da Bahia até o Maranhão, são também importantes referências conceituais deste projeto, segundo BIAO (2009).

Ainda de acordo com BIAO (2009), a literatura de Cordel teve sua origem na oralidade, e posteriormente desenvolveu-se a prática de ilustrar as narrativas cordelistas, sendo uma das formas mais características de ilustrá-las as xilogravuras, técnica que consiste em gravar (esculpir) em madeira e depois imprimir em papel.

No que se refere as origens do cordel, pode-se observar suas origens europeias, mais especificamente em Portugal e na Espanha, assim como o pesquisador em teatro Armindo Biao aponta:

Permita-me lembrar-lhes, de que a denominação Literatura de Cordel aparece, no Brasil, entre 1897 e 1880, utilizada pelo folclorista Sílvio Romero, inspirado por seu mestre português, Teófilo Braga, para designar o conjunto de folhetos de feira, com, habitualmente, de 8 a 64 páginas, 11x16cm, de origem portuguesa, que passam a circular pelo Nordeste brasileiro em meados do século XIX. Entre 1893 e 1908, segundo a pesquisadora Idelette Muzart-Fonseca dos Santos, surge de fato uma literatura de cordel, brasileira, com publicação dos primeiros folhetos de tres poetas paraibanos: Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde. Há fenômenos equivalentes não só em Portugal, mas também na França (littérature de colportage, literalmente “literatura em tabuleiro pendurado no pescoço”) e na Espanha (pliegos sueltos, “folhas de papel – dobradas ao meio- soltas”).” (BIAO, 2009. p.19)

2.2.1 JOSÉ COSTA LEITE

De acordo com o site da Fundação Joaquim Nabuco os primeiros grandes cordelistas se utilizaram de gravuras para ilustrar suas histórias e poesias por necessidade de produzir as capas para seus próprios folhetos.

Um dos nomes mais importante quando tratamos das origens desta tradição, José Costa Leite, poeta cordelista de Pernambuco, desenvolveu suas técnicas em xilogravura de forma autodidata. Não existiam escolas ou mestres em xilogravura para que pudessem estudar a técnica de maneira aprofundada.

As ilustrações em xilogravura se mostraram uma necessidade para os cordelistas, segundo J. Borges, os cordéis não se vendiam sem as ilustrações, o que fez com que a diversidade de paisagens, animais e costumes do Nordeste Brasileiro ilustrados com a particularidade dos cordelista ganhassem uma nova biblioteca de imagens



Figuras 1 e 2. Xilogravuras de José Costa Leite.

FONTE: http://cleaecia.com.br/de-arte-e-de-artistas/xilogravura-arte-nordestina-2/#.WFQkF_krLIU

2.2.2 JOSÉ FRANCISCO BORGES (J. BORGES)

Ainda segundo os dados da Fundação Joaquim Nabuco, outro artista que compõe o grupo dos primeiros grandes xilogravurista brasileiros é J. Borges, reconhecido internacionalmente por suas gravuras em madeira feitas em maiores dimensões. Assim como muitos outros xilogravuristas e autores de cordel, J. Borges decidiu ilustrar seus cordéis por necessidade, seus traços são bastante característicos e se fazem reconhecer facilmente. A temática em suas gravuras vão desde retratos cotidianos até o imaginário de criaturas fantásticas e animais com características humanas.

A importância da gravura em madeira na construção do imaginário da Literatura de Cordel se dá como a técnica identitária da mesma. Uma vez que diversos artistas ilustraram seus cordéis com xilogravuras, qualquer outro tipo de gravura se caracterizaria como alternativa a esta técnica já existente.



Figura 3. Xilografia de J. Borges
FONTE: <http://jborgesbrasil.blogspot.com.br/>



Figura 4. Xilografia de J. Borges
FONTE: <http://jborgesbrasil.blogspot.com.br/>

2.2.3 GILVAN SAMICO

De acordo com seu site pessoal (<http://www.samico.art.br/>) Gilvan Samico se difere dos outros dois artistas citados, por sua obra estar em alinhamento com o movimento modernista, em especial o *Movimento Armorial*.

É neste contexto que Gilvan Samico se enquadra, não sendo próprio de associar-se a imagens de arte popular em sua forma, pois apresenta uma erudição proveniente do movimento modernista.

As obras de Gilvan Samico se assemelham as obras de cordel tradicional, mas possuem um requinte geométrico e modernista que o fazem se diferenciar dos outros autores clássicos reconhecidos internacionalmente.



Figuras 5 e 6 Xilogravuras de Gilvan Samico
 FONTE: <http://www.samico.art.br/>

2.3 O SERTÃO DE ZÉ ZEN

As imagens Sertanejas do Nordeste Brasileiro são múltiplas, assim como seus lugares. É equivocado retratar o Nordeste a partir de uma única perspectiva diante da complexidade física, sociológica e cultural da região.

O termo “sertão” é problemático e procuramos entender o assim dito sertão nordestino propriamente para ambientar nossa narrativa. A palavra tem origem multivariada, expressando muitas vezes ideias generalista mas como melhor esclarece Fadel David Antonio Filho (2011) :

De qualquer forma, mesmo admitindo que a palavra “sertão” apresenta uma origem multivariada, o seu significado converge para um só sentido. O ‘locus’ cujo sentido é o interior das terras ou do continente, pode ou não vir implicado à ideia de aridez ou de área despovoada. (FILHO, 2011, p.87)

Considerando isso, e buscando as imagens do sertão, dentro de suas múltiplas paisagens, foram encontradas algumas imagens de referência que coincidiam com as do meu imaginário pessoal pré-definido para a história. Assim decidi localizar o sertão de Zé Zen num lugar imaginário, que na narrativa guarda uma semelhança com os interiores dos estados do nordeste atingidos pela seca e clima árido, fazendo posteriormente com que suas características físicas e paisagísticas sejam utilizadas na elaboração das ilustrações.

Cenários predominantemente avermelhados, com chão de barro e relevo ressecado, placas barrentas em formatos diferenciados. A grande maioria dos espaços é de caatinga, a vegetação predominante é formada por plantas secas e sem folhas ou cactos espinhosos.



Figura 7. Paisagem do interior da Bahia



Figura 8. Chão rachado pela seca



Figura 9. Moradia improvisada no interior do Ceará

A vegetação de caatinga oferece rica variedade de cactos, este elemento será utilizado nas ilustrações de paisagem, assim como os tons terrosos e marrons do chão do sertão castigado pela seca.



Figura 10. Região árida do sertão nordestin

2.4 A NARRATIVA

O texto de Zé Zen: Aprendiz de Monge no Sertão, é uma criação literária autoral composta por 10 estrofes que contam a história do personagem principal. Este número de estrofes se justifica pelo planejamento de um caderno único de 24 páginas, ou seja, 10 páginas duplas para o texto corrido, salvando-se 4 páginas para outros usos, como falsa-guarda, página de rosto, página de créditos e página final, onde consta o colofón e que também funciona como falsa-guarda. A narrativa foi organizada em blocos de texto independentes que funcionam como “trocas de cena”.

A HISTÓRIA DE ZÉ ZEN – APRENDIZ DE MONGE NO SERTÃO

ESTROFE 1

Só ouvia-se a zuada sem tamanho provocada pela família de Zé dentro da casinha de taipa no sertão. Rodeado por seus irmãos Manoel, Joaquim e Sebastiana, o menino José nasceu, ele chorou e sorriu ao encher os pulmões de vida vendo a estrela do Oriente. ESTROFE 2
José cresceu de butuca no canto dos passarinhos de manhã. Pelo dia brincava com seus irmãos e as galinhas no quintal. À noite se abestava com as maravilhas do céu, às vezes até se imaginava sentado na lua pescando estrelas.

ESTROFE 3

Todos os dias bem cedinho Zé montava na carcunda de Luna, a mula da família, e iam em busca de água no poço. Zé gostava porque Luna andava devagarinho. Quando chegava em casa, gostava de passar as mãos no pelo macio de Luna e sentir o calor que vinha do seu corpo. Ele sabia que ela entendia seu carinho.

ESTROFE 4

Um dia, Zé ajudava sua mãe a pegar macaxeira atrás da casa quando soube por seu irmão a notícia que lhe partiu o coração. Tristonho Manoel anunciou: - “Mãe, Luna morreu. O pai tá enterrando ela debaixo do pé de manga.”. Ao ouvir aquela notícia, Zé largou a enxada e correu ao encontro de Luna para se despedir.

ESTROFE 5

Chegando ao lugar em que Luna estava enterrada, chorou lagrima de saudade. Ele lembrou vai e vem vagaroso do caminhar de Luna e do calor que sentia quando passava a mão em seu pelo macio. Zé sabia que a seca reinava, mas era como se chovesse.

ESTROFE 6

Mesmo sentido um arrocho no meio do peito, as lágrimas que escorriam em seu rosto transportaram Zé prum lugar diferente, um lugar que ele já tinha sonhado muitas vezes. Não era um lugar que nem o sertão, era um lugar distante, dentro de sua imaginação. ESTROFE 7
Zé ouviu uma voz. Uma voz doce, quase que nem música. Como num piscar de olhos, surgiu um homem, usando roupas simples e que não tinha cabelo. Zé sorriu pra ele, era como se já o conhecesse.

ESTROFE 8

E foi quando esse Homem se apresentou:

Eu sou a voz que vive em seu coração, eu sou o canto dos passarinhos, sou também as estrelas que tanto admira, sou o vento que toca seu rosto, sou os bichos que brincam com você, sou as árvores, as montanhas e sou tudo que seus olhos podem ver e que seu coração pode sentir...sou você.

ESTROFE 9

Naquela mesma hora uma lágrima caiu no chão de barro, Zé abriu os olhos e sorriu, entendeu que Luna não tinha deixado de existir, tinha apenas se transformado, e a dor do peito desapareceu. Aquele foi o primeiro encontro de Zé com seu Mestre e seu primeiro ensinamento: “A lei da Impermanência”. Ele entendeu, que nada estava ali para sempre, nada era dele.

ESTROFE 10

Zé nasceu e cresceu no Sertão, mas também era do Japão, China, Índia e de tantos outros lugares. Zé é Zen. Entendeu como a vida flui.

2.4.1 ELEMENTOS NARRATIVOS: SOTAQUE E DIALETO

A narrativa que conta a história do menino Zé Zen, é constituída de 16 estrofes, construída em terceira pessoa por um narrador que pretende utilizar sotaques do dialeto típico do nordeste para ambientar os lugares e situações ao longo do livro, porém sem exageros, utilizando palavras típicas e não os erros gramaticais usualmente corriqueiros no falar cotidiano nordestino, entendendo que a comunicação escrita direcionada ao público infanto juvenil deve seguir os padrões gramaticais normais da língua portuguesa.

3. REFERÊNCIAS VISUAIS

A busca por referências em ilustrações que refletissem o imaginário desejado para ambientar a história de Zé Zen partiu das gravuras clássicas dos primeiros cordelistas e também de produções modernas influenciadas pelo movimento de Literatura de Cordel do Nordeste Brasileiro.

De fato, o planejado terá seus resultados finais inspirados em referências que são desdobramentos atuais destas referências clássicas. Desta forma pretende-se aproximar a experimentação visual para a criação de ilustrações de uma produção contemporânea. Dos artistas, autores e ilustradores com obras escolhidas como referências contemporâneas, percebe-se uma fidelidade maior ou menor às referências clássicas tratadas anteriormente.

Três artistas ilustradores foram selecionados para serem referências durante as pesquisas de técnicas e métodos de ilustração. São eles: *Jo Oliveira, Fernando Vilela e Maurício Negro.*

3.1 JO OLIVEIRA

Das três referências em ilustração moderna escolhidas, a que mais se aproxima do imaginário clássico da Literatura de Cordel é Jo Oliveira.

Segundo o site dedicado a sua obra, *O Brasil de Jo Oliveira*, parte considerável de seu trabalho são histórias em quadrinhos, o que posiciona este artista como boa referência em lógica de sequência narrativa. A inspiração para suas ilustrações vão desde o cordel até os bonecos de *mamulengo*.



Figura 11. Ilustração de Jo Oliveira
FONTE: <http://www.obrasildejooliveira.com.br/arte>

3.2 FERNANDO VILELA

Fernando Vilela é um dos ilustradores mais premiados do Brasil, seu trabalho se utiliza de técnicas inusitadas, como por exemplo a produção de carimbos feitos de borracha usados em sobreposições e posteriormente editados digitalmente, o que proporciona resultados originais e de grande valor visual.

Outro aspecto importante da obra de Fernando Vilela é a temática, por muitas vezes alinhada ao folclore nacional e tradições regionalistas. Os traços por vezes sujos e sem “acabamento” são os pretendidos para as ilustrações no presente



Figuras 12 e 13. Ilustrações de Fernando Vilela
FONTE: <http://www.fernandovilela.com.br/>

3.3 MAURÍCIO NEGRO

O ilustrador e autor Maurício Negro também experimenta técnicas de ilustração, que vão do lápis de cor até a pirogravura, de acordo com seu site pessoal. Mauricio obtém resultados em cor e composição inusitados e bastante característicos de seus livros infanto juvenis. As cores terrosas utilizadas em diversas obras de Maurício Negro serão utilizadas nas ilustrações deste projeto.

O que chama atenção na obra de Maurício Negro, é a utilização de formas construídas em cima dos tons de diversas cores misturadas, o uso de cor e traço se faz de maneira não convencional e permite uma subjetividade maior.

Ao fim da a análise do trabalho de Maurício Negro, pude recolher diversas influências a serem utilizadas em ilustrações e finalização de projeto editorial, principalmente o uso de transparências em camadas sucessivas no software de edição de imagens Adobe Photoshop.



Figuras 14 e 15. Ilustrações de Maurício Negro
FONTE:<http://mauricionegro.blogspot.com.br/>

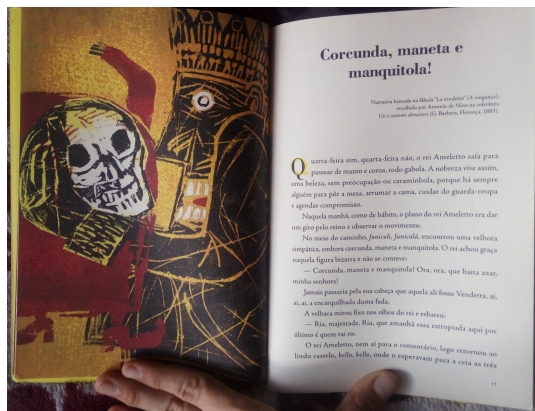
4. ANÁLISE DE SIMILARES

4.1 POR FORA BELA VIOLA

O livro “Por Fora Bela Viola”, Edições SM, de Maurício Negro, reúne diversas características editoriais pretendidas para o presente projeto. Dentre elas, destacam-se o estilo das ilustrações e a diagramação, com grandes áreas de respiro e diversas ilustrações ocupando página dupla.



Figura 16. Capa de “Por Fora Bela Viola”



Figuras 17 e 18. Interior do livro “Por Fora Bela Viola”

O projeto editorial e diagramação do livro “Por Fora Bela Viola” de Maurício Negro apresentam um fluxo simétrico de organização das machas gráficas textuais e pictóricas. A paleta de cores com tons terrosos é uma constante no livro, assim como os grafismos menores que invadem a página seguinte.

Percebi por meio deste projeto necessidade de compor uma paleta de cores específica para melhor ambientar as cenas descritas no meu enredo e para conseguir uma unidade de conjunto entre as páginas fazendo da cor um fator temporal e narrativo.

4.2 O MENINO DO DINHEIRO DO CORDEL

O livro “O Menino do Dinheiro do Cordel”, Editora DISOP, de Ronaldo Domingos e José Santos, ilustrado por Luyse Costa, apresenta características bastante semelhantes às pretendidas para o projeto editorial do livro que pretendemos projetar.

Primeiramente a temática é bastante próxima da que será utilizada no presente projeto, em seguida as composições gráficas contém elementos gráficos e ilustrações com acabamento semelhante ao que se imaginou para o projeto gráfico de Zé Zen.

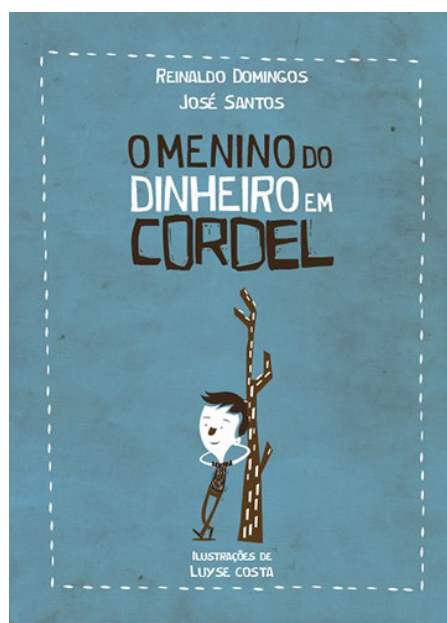


Figura 19. Capa “O Menino do Dinheiro do Cordel”

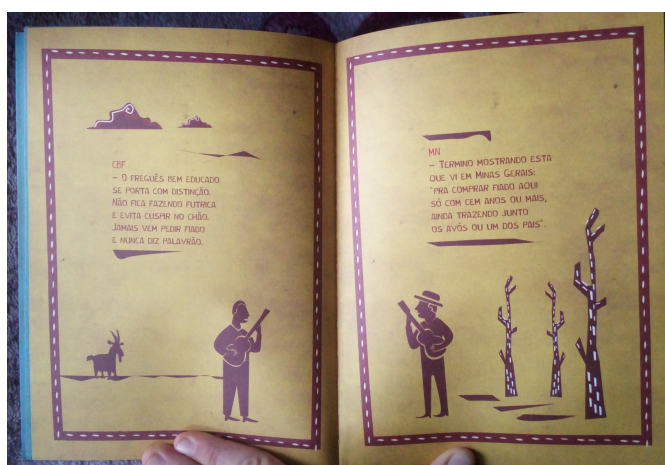


Figura 20. Interior do livro “O Menino do Dinheiro do Cordel”

A simplicidade do projeto editorial do livro “O Menino do Dinheiro do Cordel”, não diminui seu bom flu o de leitura, que é objeti o e claro. Ele mantém proximidade com os folhetos de cordel, com margens decoradas delimitando a mancha gráfica e elementos visuais diversos.

Deste projeto tirei a conclusão de que seria necessário pesquisar e decidir acerca do uso da tipografia: qual o estilo de fonte, caixa alto ou baixa, espessura do talhe da letra, etc.

5. A CONSTRUÇÃO DO LIVRO

O suporte livro foi escolhido por possibilitar a interação entre leitor e mensagem de maneira particular e pessoal. As múltiplas interpretações de texto e imagens serão construídas por cada leitor ao entrar em contato com a obra, assim como os estímulos, muitas vezes lúdicos, não precisam seguir as formas da literatura convencional, como colocado pela autora Elizabeth Romani em sua dissertação, citando PERROTTI:

O livro para ser fonte de estímulos aos pequenos leitores deve ser diferente da informação institucionalizada que recebe na escola. A imagem da leitura, para este fim, deve ser divertida, atrativa e descompromissada, o livro pode ser visto como uma fonte de prazer e estímulos à curiosidade e ao interesse pelo mundo". (PERROTTI, 1990 apud ROMANI. 2011, p. 11).

5.1 DEFINIÇÃO DO FORMATO

Impressões *off set* disponíveis no mercado editorial, com o uso de máquinas rotati as alimentadas por bobinas é disponibilizado apenas para edições de alta ti agem como jornais e revistas.

Portanto, a defini ão do formato em *18cm x 24cm* se deu por aspectos técnicos, tais como: melhor ambientação das paisagens (horizontalidade), aproveitamento de papel e divisão de texto para melhor legibilidade, ergonomia e facilidade de manuseio.

O formato *18x24* facilita a construção das linhas de horizonte quando do livro estar aberto; paisagens de caatinga e do sertão ficam bem comportadas em paginas duplas, assim como a página única possibilita bom espaço para a mancha gráfica textual que será curta, formada por pequenos blocos de texto.

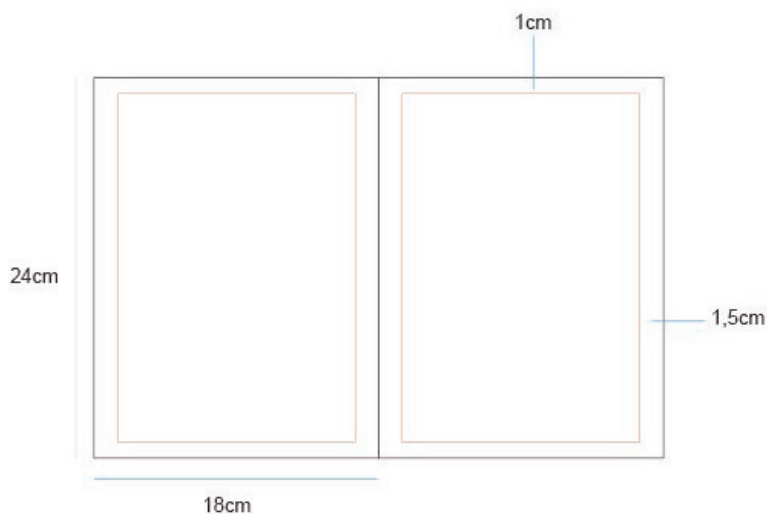


Figura 21. Dimensões do livro "A História de Zé Zen: Aprendiz de Monge no Sertão"

5.2 PAGINAÇÃO: A DIVISÃO DO TEXTO E IMAGEM POR PÁGINA

O miolo do livro será organizado em um único caderno de 26 páginas. O conteúdo do livro seguirá uma grid retangular (SAMARA, 2007), respeitando o seguinte fluxo:

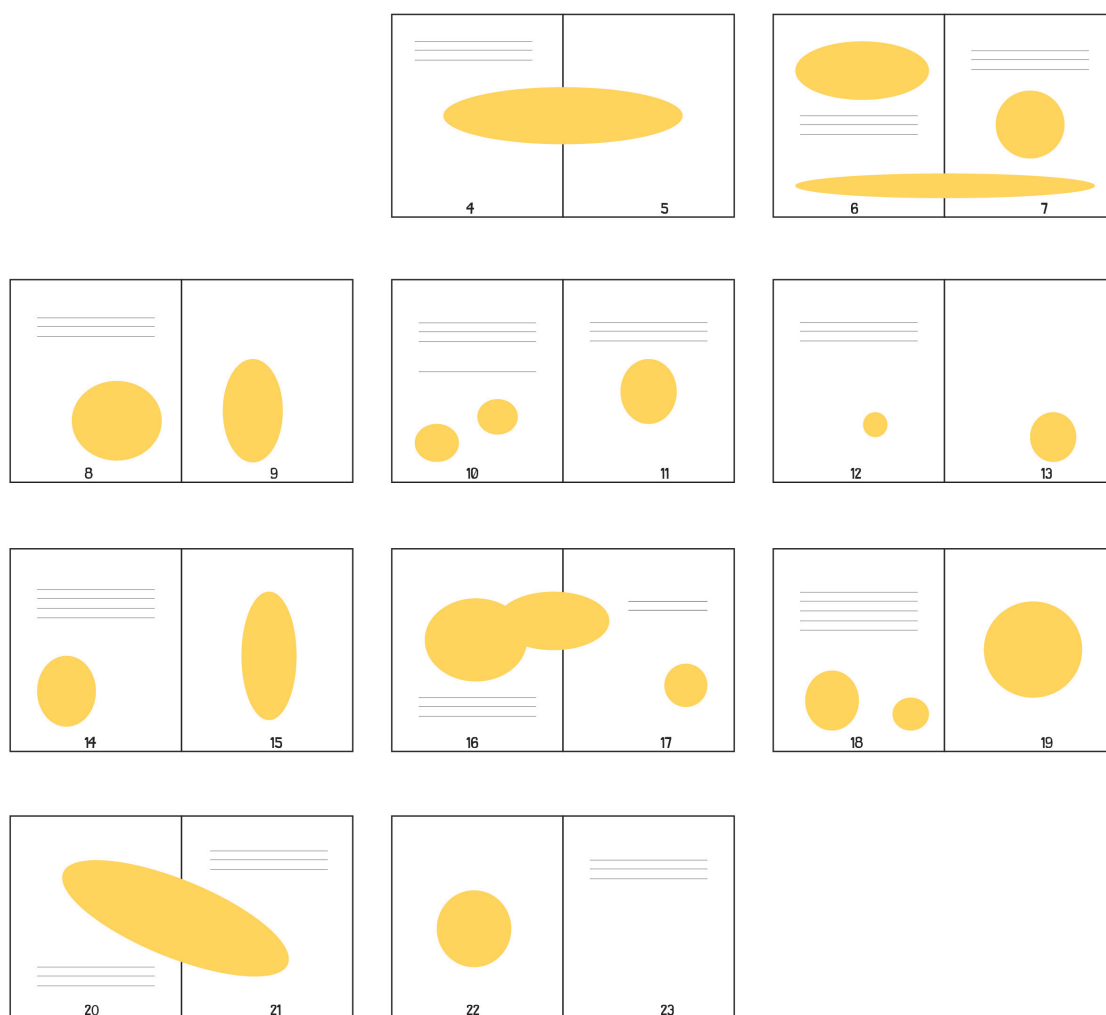


Figura 22. Projeção de fluxo de manchas gráficas e textuais pelo grid retangular

As 10 estrofes que compõem a narrativa serão acompanhadas de ilustrações que as caracterizem, mas não explicitamente, evitando a repetição de imagens. Não é intenção do texto repetir o que as ilustrações mostram e vice versa. Assim como todo o planejamento leva em consideração as 10 estrofes para o conjunto de 20 páginas de miolo.

5.3 TIPOGRAFIA

A composição tipográfica do projeto editorial será constituída de duas famílias, uma para a capa e a identidade criada através do título do livro e a outra família para o texto corrido que compõem as manchas gráficas principais. Para o título e identidade visual do livro foi utilizada a fonte *Eastern Brush*, e para corpo de texto a fonte *Cordelina*, ambas grátis para uso pessoal.

Para o título, utilizado como identidade visual da história, na capa e folha de rosto, foi utilizada a fonte *Eastern Brush* por fazer clara referência a estética oriental e a escrita com pincéis. Esta família possibilita a diminuição de espaçamento sem prejuízo de legibilidade e leitura.



ABCDEF GHIJKLM
NOPQRST UVWXYZ
01234 56789

Figura 23. Caractères da fonte *Eastern Brush*



A HISTÓRIA DE
ZÊ ZEN
APRENDIZ DE MONGE NO SERTÃO

Figura 24. Título em *Eastern Brush*

A segunda família utilizada, *Cordelina*, batizada em homenagem a Literatura de Cordel, traz referência das marcas de goivas típicas da xilogravura utilizada nos cordéis.

A imagem mostra a apresentação completa da fonte Cordelina. Ela é organizada em três linhas de caracteres em um estilo tipográfico robusto e irregular, característico da xilogravura. A primeira linha contém as letras maiúsculas do alfabeto latino (A-Z). A segunda linha contém as letras minúsculas do alfabeto latino (a-z). A terceira linha contém os dígitos numéricos (0-9). O estilo das letras é denso, com bordas irregulares e uma sensação de ser gravado em madeira.

Figura 25. Caracteres da fonte *Cordelina*.

Apesar da conduta projetual usual nos indicar a eficiência em legibilidade e leiturabilidade de fontes true type, que disponibilizem suítes completas de estilos, com fontes em caixa alta e baixa, na composição de textos corridos, minha decisão a respeito da fonte a utilizar neste projeto foi divergente. Optei por uma fonte fantasia que proporcionou um vínculo estético mais evidente com as imagens. Esta fonte foi testada e finalmente utilizada por manter legibilidade em todo o projeto, apesar da aparente assimetria, o que corrobora com a identidade do livro e sua temática. Um dos exemplos tomados para análise, usou o mesmo recurso. Além disso o texto corrido em caixa alta, faz referência direta a estética tipográfica das capas de folhetos de cordel tradicionais.

No texto corrido de miolo a fonte foi composta em corpo 12 com entrelinha 20pt. Ao testar parágrafos, abandonei a solução convencional e optei pelo parágrafo americano, sem indentação mas também sem aplicar a linha de espaço entre parágrafos. Texto alinhado a esquerda.

Essa decisão aproxima a diagramação da linguagem visual adotada no projeto como um todo.

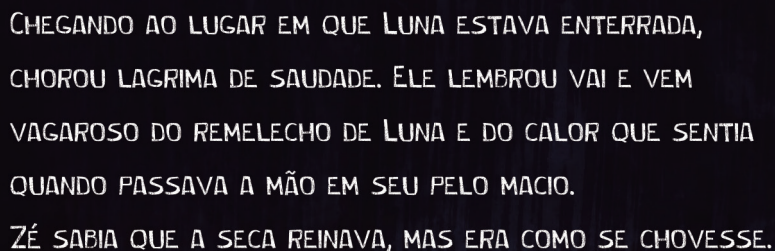
A imagem mostra um exemplo de texto em fonte Cordelina. O texto está em caixa alta e alinhado à esquerda, dentro de um fundo preto. O texto é: "CHEGANDO AO LUGAR EM QUE LUNA ESTAVA ENTERRADA, CHOROU LAGRIMA DE SAUDADE. ELE LEMBROU VAI E VEM VAGAROSO DO REMELECHO DE LUNA E DO CALOR QUE SENTIA QUANDO PASSAVA A MÃO EM SEU PELO MACIO. ZÉ SABIA QUE A SECA REINAVA, MAS ERA COMO SE CHOVESSE." O estilo das letras mantém a característica de ser gravado em madeira, com bordas irregulares e uma sensação de densidade.

Figura 26. Fonte *Cordelina* em corpo 12, entrelinha 20 e alinhamento a esquerda.

Para a página de créditos e ficha catalográfica compusemos em corpo 9 e entrelinha 9, depois de testar a redução:

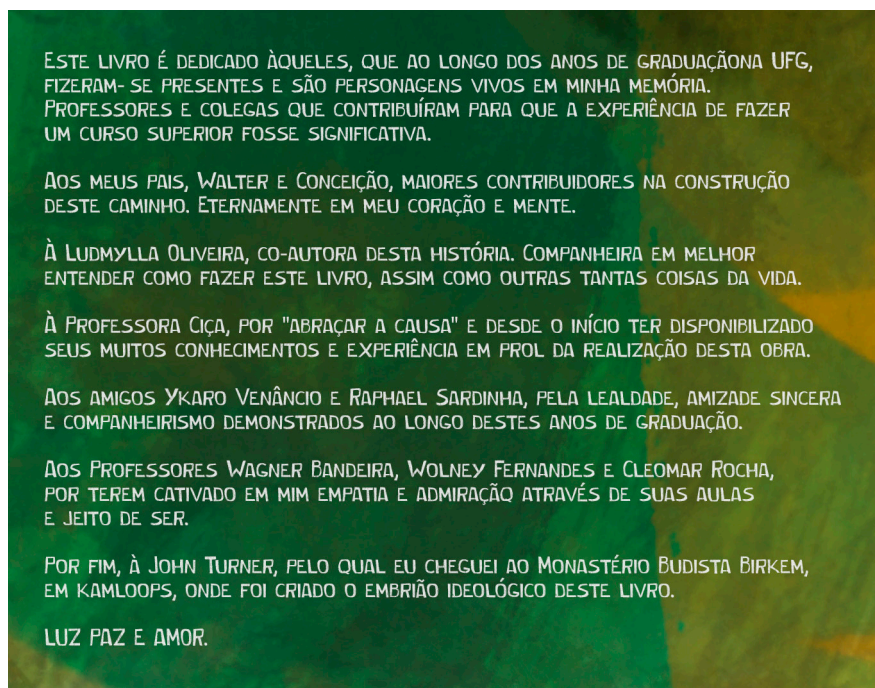


Figura 27. Teste de redução da fonte *Cordelina* em corpo 9, entrelinha 9 e alinhamento a esquerda.

A composição dos números de página foi feita em *Cordelina* corpo 12. A composição de texto da quarta capa seguiu o texto do miolo em corpo 12 entrelinha 20pt, porém centralizado. A composição de texto da primeira capa utilizou a fonte *Cordelina* para o nome do autor em corpo 18, centralizado no topo da página. O título foi composto em *Eastern Brush*, convertido em curva e aplicado centralizado acima do motivo principal da ilustração.

5.4 ESPELHO EDITORIAL

Foi desenvolvido ao longo do projeto, em conjunto com o desenvolvimento das ilustrações, o espelho editorial, de forma a prever ou planejar a disposição das manchas gráficas, textuais ou imagéticas.

O projeto do livro “A História de Zé Zen: Aprendiz de Monge no Sertão” terá predominância de páginas duplas, para tanto, foram considerados os apontamentos de Emanuel Araújo quanto a organização dos elementos internos de um projeto editorial, no seu livro “A Construção do Livro: Princípios da Técnica de Editoração”:

A informação visual comunica de modo não verbal, por meio de sinais e convenções que podem motivar, dirigir ou mesmo distrair o olhar do leitor, e todos os elementos visuais influenciam uns aos outros. Por isso, o projeto visual de um livro é uma ferramenta importante para comunicação, e não apenas elemento decorativo. O modo como se organiza a informação numa página pode fazer a diferença entre comunicar ou deixar o usuário confuso. (ARAÚJO. 2008, p.373)

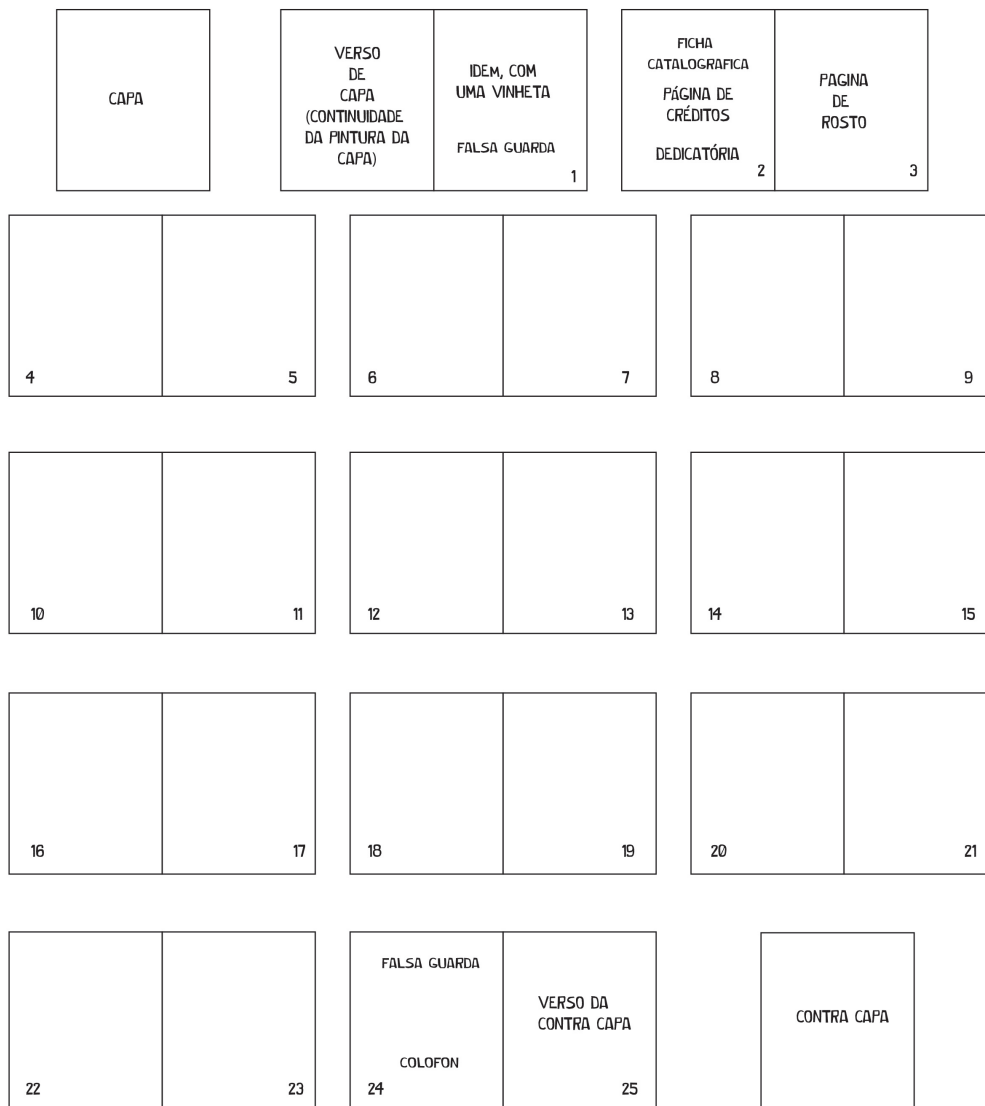


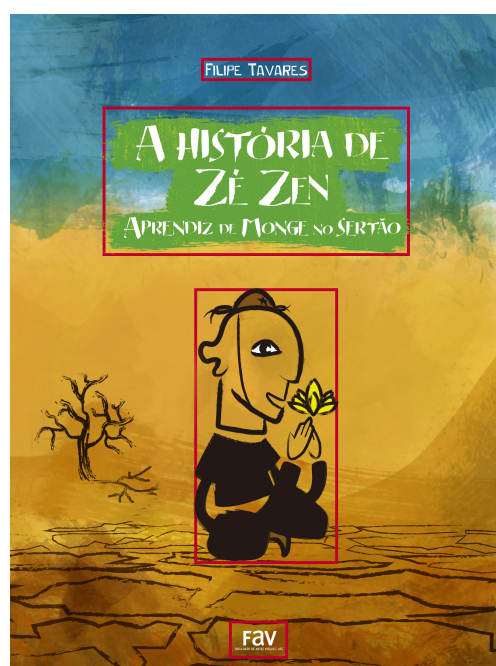
Figura 28. Espelho Editorial.



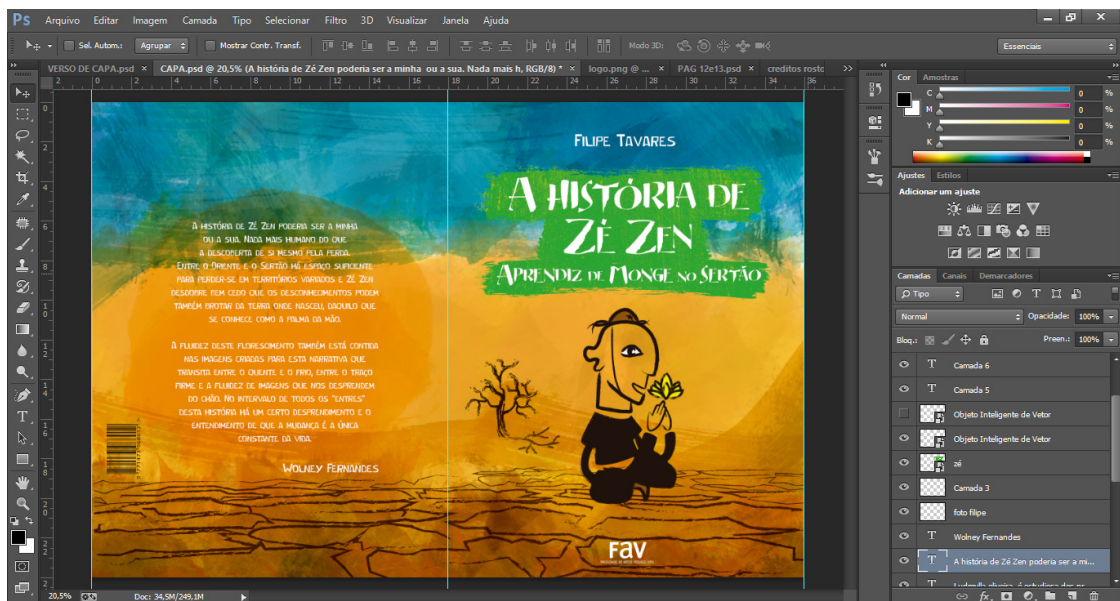
Figura 29. Espelho Editorial.

5.5 DIAGRAMAÇÃO DA CAPA

A diagramação da capa foi feita de modo a ressaltar o personagem principal da história, Zé Zen, assim como o título, ocupando o espaço mais ao centro da capa e sem muitos elementos que disputem a atenção. Em linhas gerais, a capa busca um equilíbrio geométrico na disposição de seus elementos gráficos.



Figuras 30. Organização dos elementos gráficos da capa.



Figuras 31. Detalhe dos elementos gráficos da capa no Adobe Photoshop.

6. CRIAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

O processo de criação das ilustrações se deu de forma sistemática após um prolongado contato com um número grande de referências visuais e literárias dentro do tema em Zé Zen. A linguagem visual utilizada no projeto têm os pressupostos de criar um espaço lúdico que estimule a imaginação e provoque encantamento no leitor através dos tons de aquarela.

6.1 PROCESSO DE CRIAÇÃO

Os processos de criação de ilustrações se deu após o prolongado contato com as referências, e com os arquivos de imagens dos cenários e personagens a serem retratados. Com diversas referências paisagísticas e tendo analisado técnicas de ilustração digital, o caminho para definir a identidade visual dos traços que seriam utilizados foi facilitado.

O principal elemento visual é a figura do personagem principal, ele estará presente em quase todas as ambientações. A princípio, os trabalhos de criação foram direcionados as definições de como seria a estética do personagem. Após alguns esboços, foi decidido fazer os traços utilizando pincéis digitais no *Adobe Illustrator*.

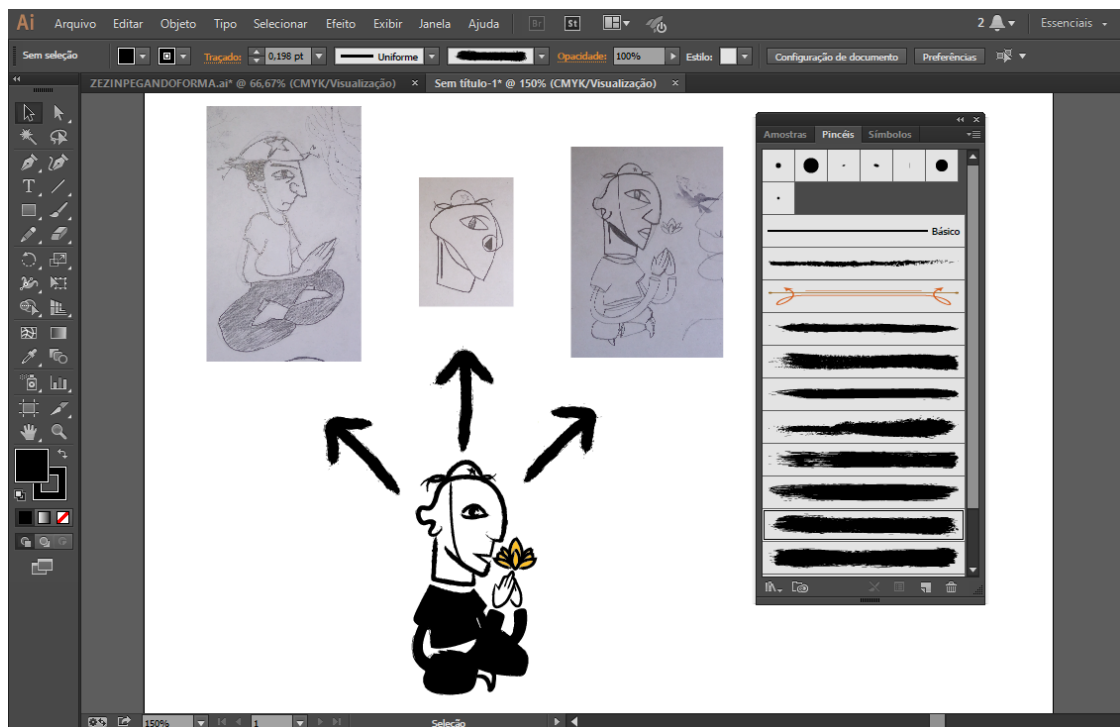


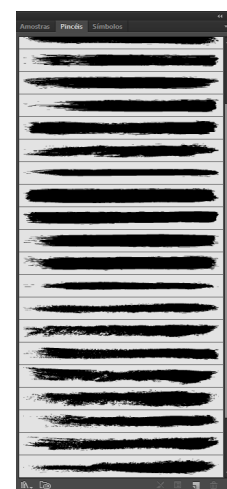
Figura 32. Detalhe dos estudos para desenvolvimento do personagem principal Zé Zen.

O processo de digitalização de ilustrações ocorreu gradativamente ao passo que os esboços a lápis foram sendo feitos. Em sua totalidade, as representações gráficas foram feitas utilizando o set de brushes “Vector Dry Brush” disponível gratuitamente no site spoongraphics.co.uk. Os brushes imitam pinceladas em tinta preta, o que remete as escritas chinesas antigas.

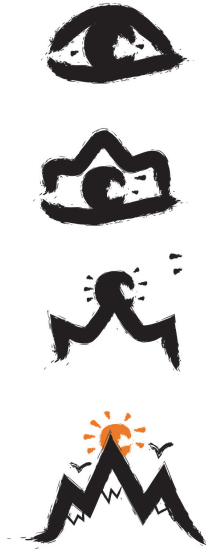
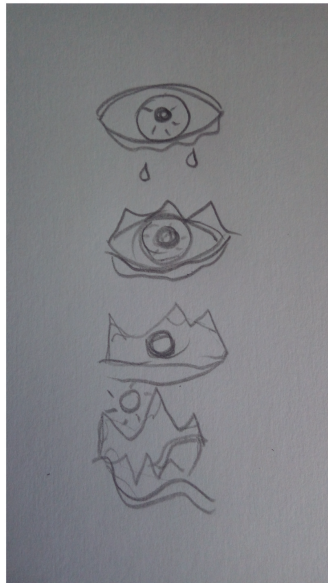
Grande parte dos elementos originaram-se em elementos do imaginário adquirido com o tempo, outra parte de referências fotográficas através de desenho de observação.



Figuras 33. Detalhe dos pincéis do pacote Vector Dry Brush.



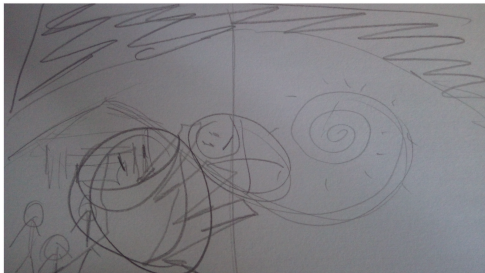
Figuras 34. O pacote Vector Dry Brush completo.



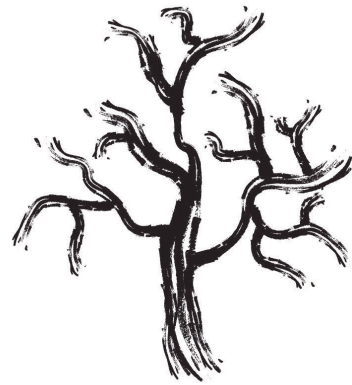
Figuras 35. Esboço e ilustração final



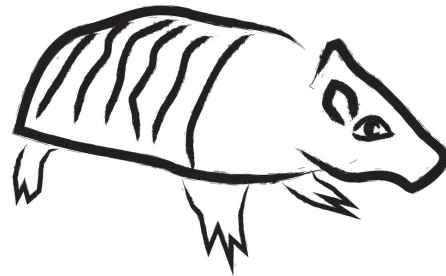
Figuras 36. Esboço e ilustração final



Figuras 37. Esboço e ilustração final



Figuras 38. Fotografia e ilu tração final



Figuras 39. Fotografia e ilu tração final

6.2 TÉCNICAS DE ILUSTRAÇÃO DIGITAL

Como visto anteriormente, as ilustrações foram feitas em *Adobe Illustrator* utilizando brushes que estilizam a escrita oriental com pincéis.

Por se tratarem de brushes vetoriais de forma fi a, foi feito o uso de ferramentas que deformassem os traços para a obtenção de um resultado menos limitado e sem variações de espessura. As ferramentas mais utilizada dentro do software foram as ferramentas *Largura* e a *Deformar*.

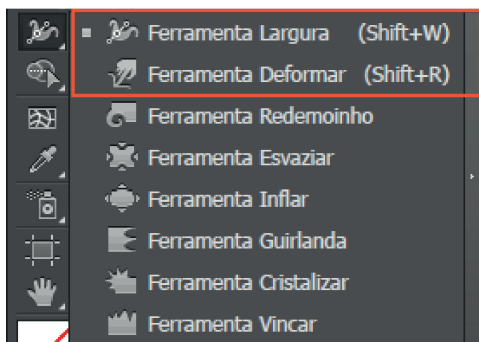


Figura 40. Ferramenta Largura do Adobe Illustrator.

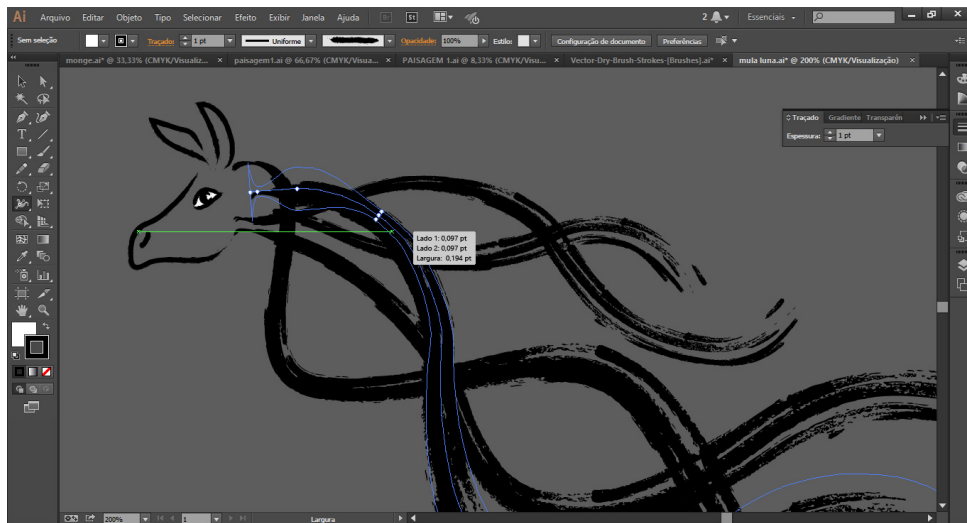


Figura 41. Ferramenta Largura possibilita mudar espessura de traço em vetor.

Outro método de modificação dos traços utilizados são as alterações em *alças* e pontos *âncora* possíveis nos objetos vetoriais, sendo esta, mais uma ferramenta de estilização utilizada para dar identidade as ilustrações desenvolvidas.

Observa-se que com as técnicas de modificação dos objetos vetoriais podem-se obter resultados estilizados e de plasticidade única.

A modularidade, ou repetição de um mesmo elemento em algumas ilustrações também possibilitou formas que sugerem continuidade, sem estarem necessariamente conectadas ou sendo parte do mesmo caminho vetorial.

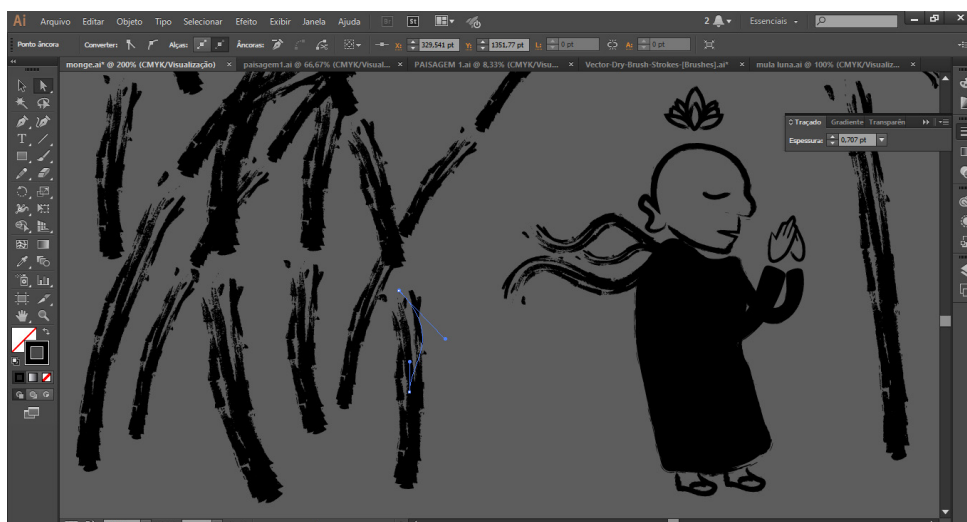


Figura 42. Edição de ponto âncora em Adobe Illustrator.

Após concluir o desenho dos elementos gráficos, foram desenvolvidos os planos de fundo ou *backgorunds* de cada dupla de página. A técnica de ilustração digital escolhida foi a de sobreposição no *Adobe Photoshop* de brushes digitais que imitam tons aquarelados em tamanhos aumentados, o set de brushes está disponível gratuitamente no site fudgegraphics.com.

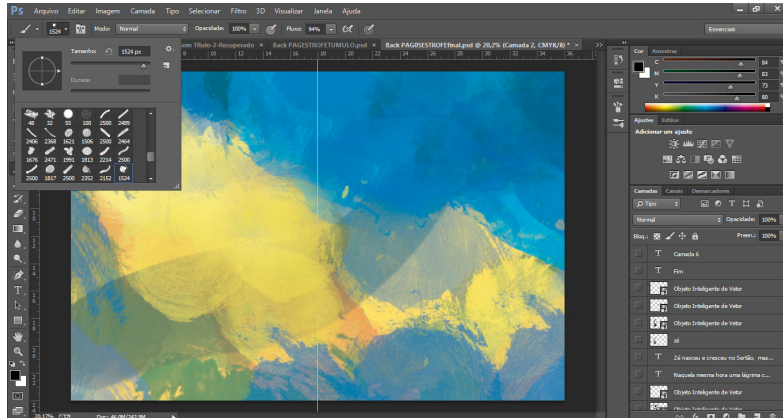
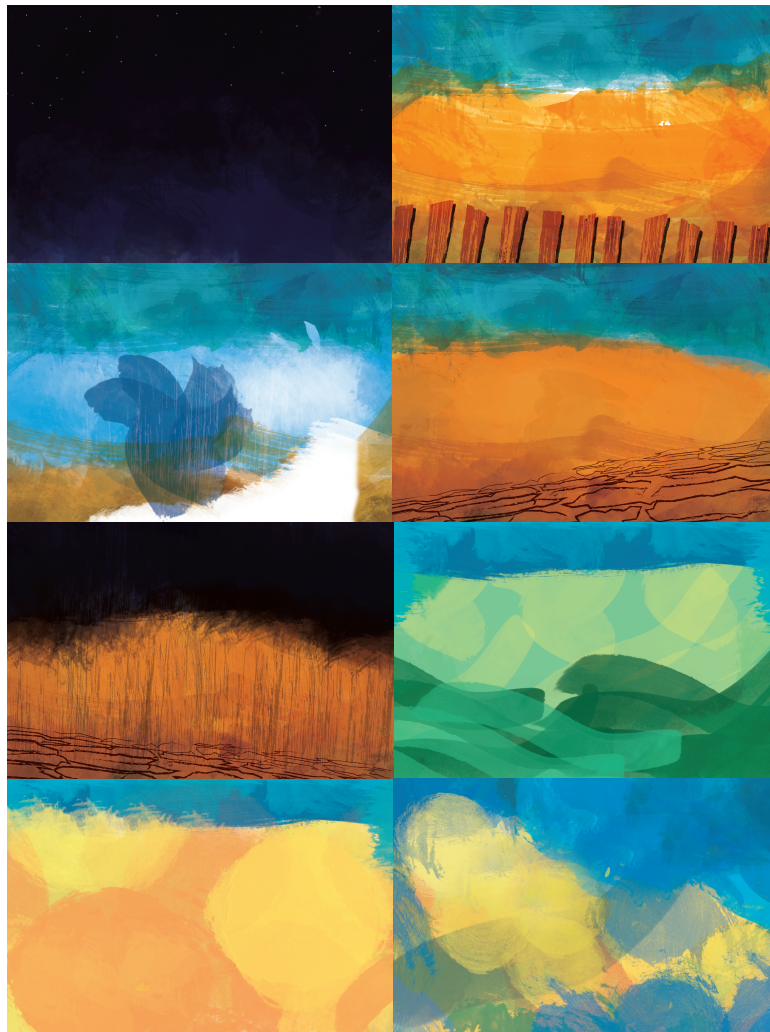


Figura 43. Brushes de aquarela em *Adobe Photoshop*.



Figuras 44. Planos de fundo em aquarela digital.

6.3 CORES

Além dos traços com pincéis digitais em preto ou branco, o planejamento cromático dispõe de tons variados de aquarela, caracterizando-se pela presença de três cores principais: laranja, azul e verde.

As outras cores utilizadas são as vizinhas no círculo cromático e por muitas vezes mudando apenas de tonalidade. Foram utilizadas cores disponíveis no sistema de pigmentos transparentes CMYK.

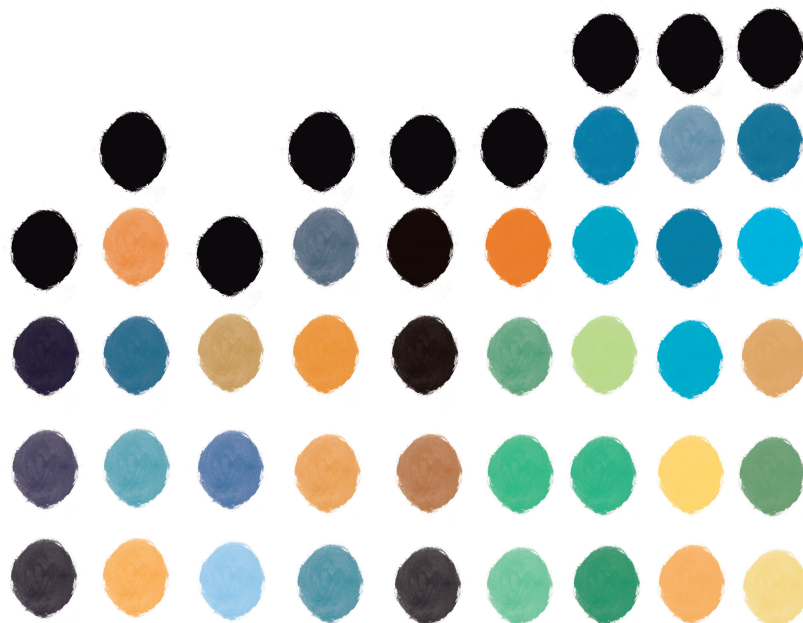
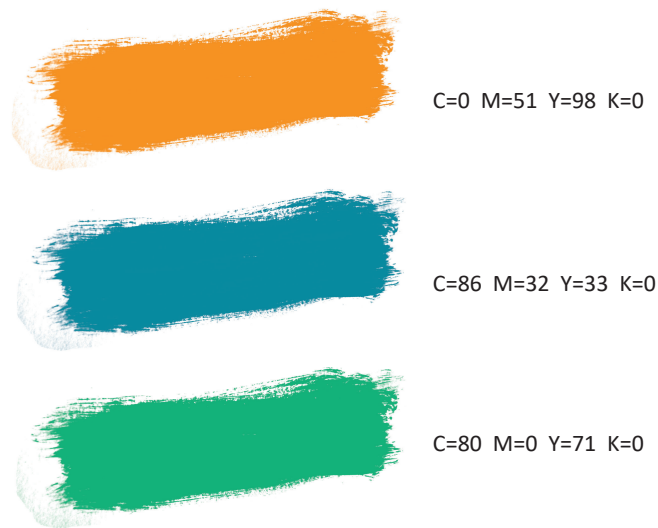
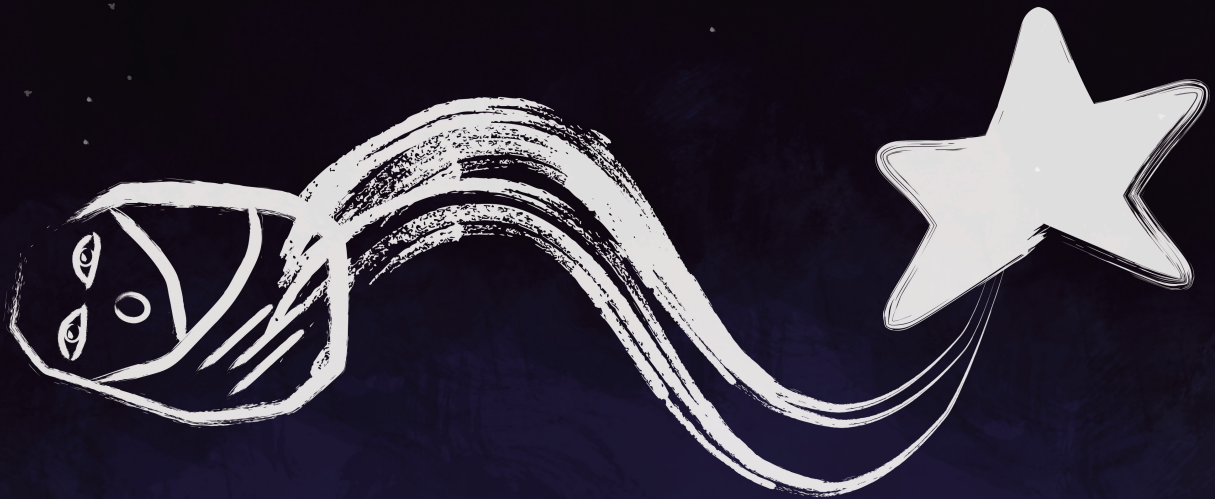


Figura 45. Painel cromático das cores aquareláveis utilizadas por ordem de aparência.

6.4 AS ILUSTRAÇÕES FINAIS

SÓ OUVIA-SE A ZUADA SEM TAMANHO PROVOCADA PELA FAMÍLIA DE ZÉ DENTRO DA CASINHA DE TAIPA NO SERTÃO. RODEADO POR SEUS IRMÃOS MANOEL, JOAQUIM E SEBASTIÃO, O MENINO JOSÉ NASCEU, ELE CHOROU E SORRIU AO ENCHER OS PULMÕES DE VIDA VENDO A ESTRELA DO ORIENTE.



À NOITE SE APESTAVA COM AS MARAVILHAS DO CÉU, ÀS VEZES ATÉ SE IMAGINAVA SENTADO NA LUA PESCANDO ESTRELAS.

JOSÉ, QUE NO SERTÃO É ZÉ, CRESCEU DE PUTUCA NO CANTO DOS PASSARINHOS DE MANHÃ. PELO DIA BRINCAVA COM SEUS IRMÃO E AS GALINHAS NO QUINTAL.



TODOS OS DIAS BEM CEDINHO ZÉ MONTAVA NA CARCUNDA DE LUNA, A MULA DA FAMÍLIA, E ÍAM EM BUSCA DE ÁGUA NO POÇO.

ZÉ GOSTAVA PORQUE LUNA ANDAVA DEVAGARINHO. QUANDO CHEGAVA EM CASA, GOSTAVA DE PASSAR AS MÃOS NO PELO MACIO DE LUNA E SENTIR O CALOR QUE VINHA DO SEU CORPO. ELE SAPIA QUE ELA ENTENDIA SEU CARINHO.



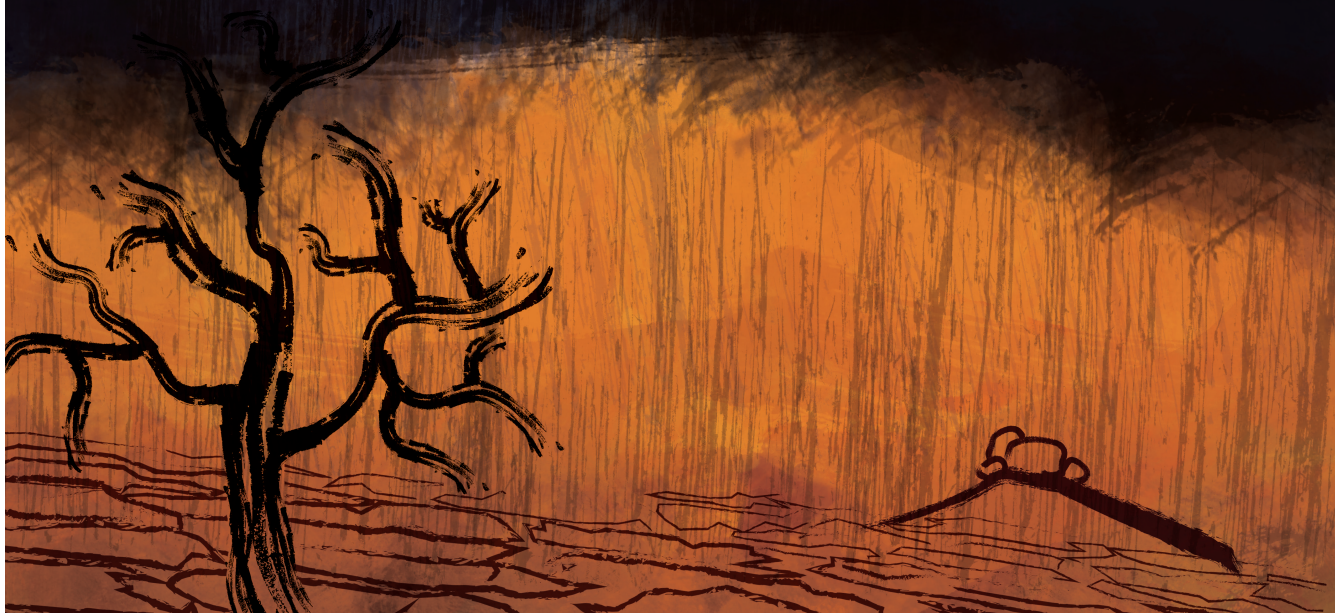
UM DIA, ZÉ AJUDAVA SUA MÃE A PEGAR MACAXEIRA ATRÁS DA CASA QUANDO SOUBE POR SEU IRMÃO A NOTÍCIA QUE LHE PARTIU O CORAÇÃO. TRISTONHO MANOEL ANUNCIOU:

- "MÃE, LUNA MORREU.
O PAI TA ENTERRANDO ELA DEBAIXO DO PÉ DE MANGA."

ZÉ LARGOU A ENXADA E CORREU AO ENCONTRO DE LUNA PARA SE DESPEDIR.



CHEGANDO AO LUGAR EM QUE LUNA ESTAVA ENTERRADA,
CHOROU LAGRIMA DE SAUDADE. ELE LEMBROU VAI E VEM
VAGAROSO DO REMELECHO DE LUNA E DO CALOR QUE SENTIA
QUANDO PASSAVA A MÃO EM SEU PELO MACIO.
ZÉ SABIA QUE A SECA REINAVA, MAS ERA COMO SE CHOVESSE.



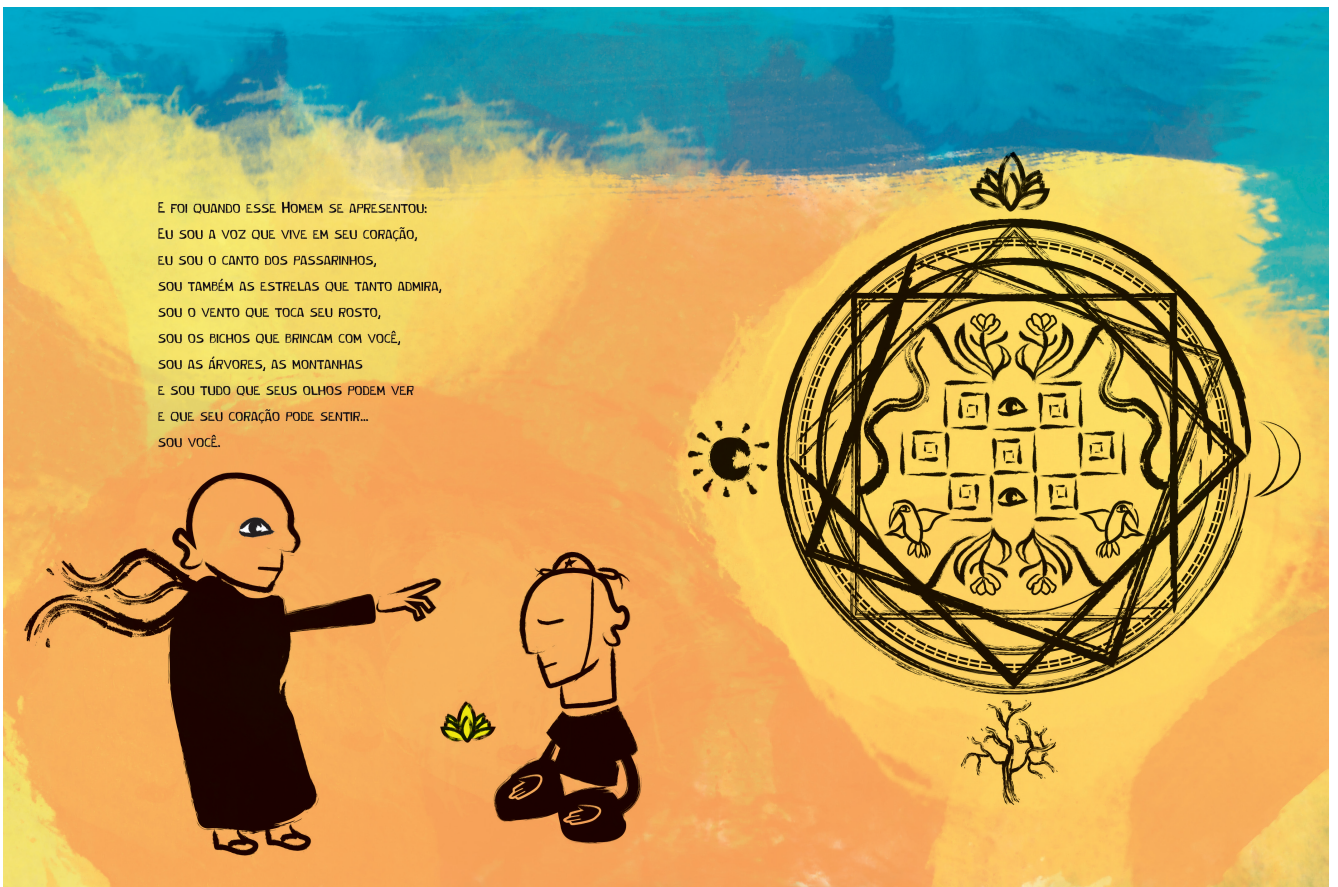
MESMO SENTINDO UM ARROCHO NO MEIO DO PEITO, AS LÁGRIMAS
QUE ESCORRIAM EM SEU ROSTO TRANSPORTARAM ZÉ PRUM LUGAR
DIFERENTE, UM LUGAR QUE ELE JÁ TINHA SONHADO MUITAS VEZES.
NÃO ERA UM LUGAR QUE NEM O SERTÃO, ERA UM LUGAR DISTANTE,
DENTRO DE SUA IMAGINAÇÃO.



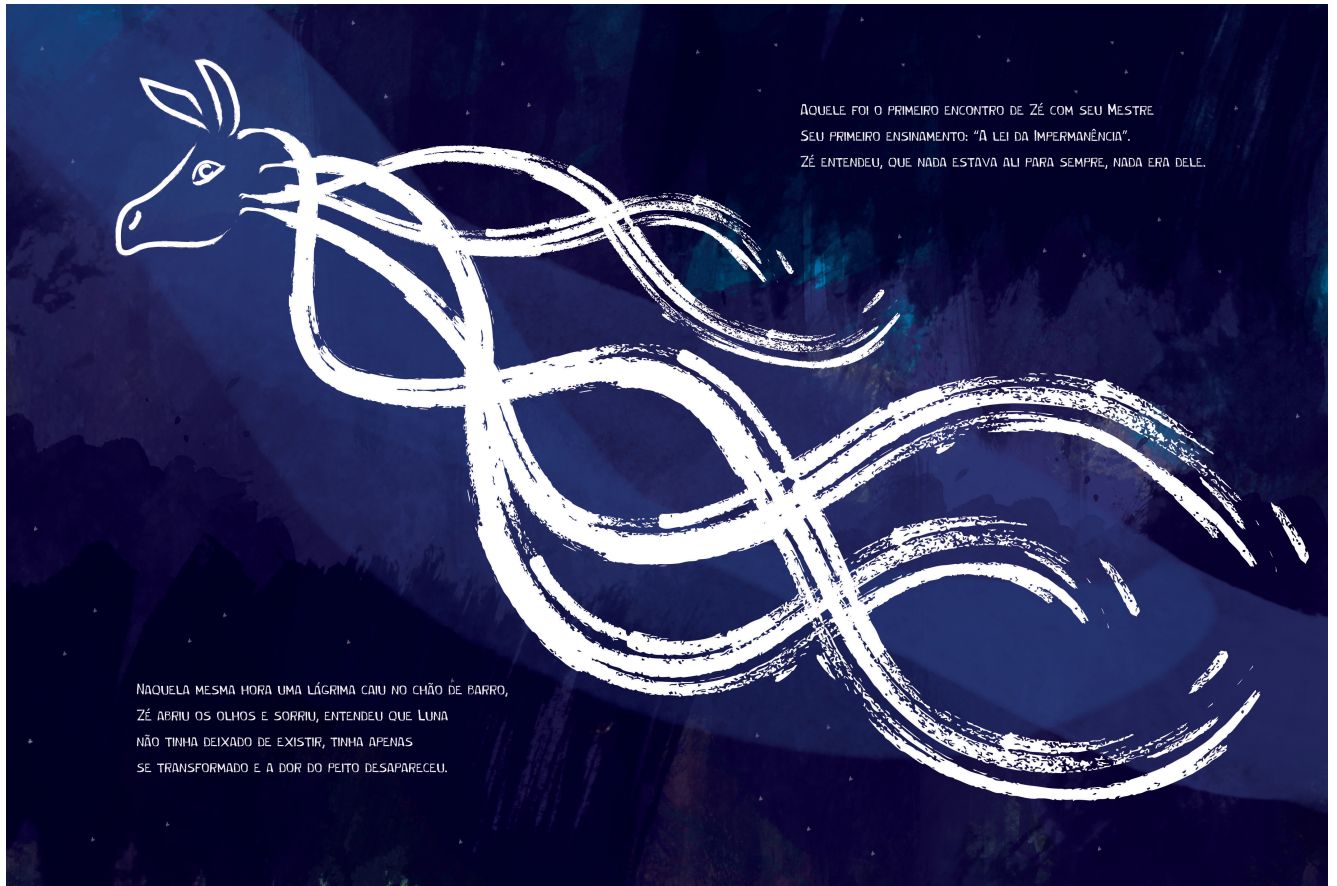


ZÉ SORRIU PRA ELE,
ERA COMO SE JÁ O CONHECESSE.

ZÉ OUVIU UMA VOZ.
UMA VOZ DOCE, QUASE QUE NEM MÚSICA.
COMO NUM PISCAR DE OLHOS, SURTIU UM HOMEM,
USANDO ROUPAS SIMPLES E QUE NÃO TINHA CABELO.



E FOI QUANDO ESSE HOMEM SE APRESENTOU:
EU SOU A VOZ QUE VIVE EM SEU CORAÇÃO,
EU SOU O CANTO DOS PASSARINHOS,
SOU TAMBÉM AS ESTRELAS QUE TANTO ADMIRA,
SOU O VENTO QUE TOCA SEU ROSTO,
SOU OS BICHOS QUE BRINCAM COM VOCÊ,
SOU AS ÁRVORES, AS MONTANHAS
E SOU TUDO QUE SEUS OLHOS PODEM VER
E QUE SEU CORAÇÃO PODE SENTIR...
SOU VOCÊ.



AQUELE FOI O PRIMEIRO ENCONTRO DE ZÉ COM SEU MESTRE.
SEU PRIMEIRO ENSINAMENTO: "A LEI DA IMPERMANÊNCIA".
ZÉ ENTENDEU, QUE NADA ESTAVA ALI PARA SEMPRE, NADA ERA DELE.

NAQUELA MESMA HORA UMA LÁGRIMA CAIU NO CHÃO DE BARRO,
ZÉ ABRIU OS OLHOS E SORRIU, ENTENDEU QUE LUNA
NÃO TINHA DEIXADO DE EXISTIR, TINHA APENAS
SE TRANSFORMADO E A DOR DO PEITO DESAPARECEU.



ZÉ NASCEU E CRESCER NO SERTÃO,
MAS TAMBÉM ERA DO JAPÃO, CHINA, ÍNDIA
E DE TANTOS OUTROS LUGARES.
ZÉ É ZEN.
ENTENDEU COMO A VIDA FLUI.

7. PRODUÇÃO GRÁFICA

O miolo do livro será organizado em um único caderno de 24 páginas, com encadernação canoa simples. Para o miolo será utilizado papel sulfite 120g, para ter maior absorção de tinta, mais textura, menos alvura e menos brilho do que o couché. O miolo será grampeado em capa de papel couché mate, gramatura 250g. Com previsão de aplicação de Prolan como protetor da capa na face frente.

Após essas definições será executada a impressão de um boneco referência.



Figura 46. Previsão de impressão.

8. CONCLUSÃO

Após a realização deste projeto editorial, tendo passado pelas etapas que compõem, me senti encorajado a trabalhar no campo editorial, principalmente dirigindo meus esforços para questões de educação e visualidade. O processo de experimentação em ilustração como caminho para a obtenção deste objeto de design (livro) foi facilitado pelo uso dos parâmetros de design editorial. Sendo passível de inserção no mercado de design editorial como uma obra autoral original.

9. REFERÊNCIAS

LIVROS:

ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. 2 ed. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital; São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2008.

BIAO, ARMINDO JORGE DE CARVALHO. Teatro de Cordel e Formação para a Cena: Textos Reunidos. Salvador: P&A GRAFICA E EDITORA, 2009.

COSTA, Luyse; DOMINGOS, Reinaldo; SANTOS, José. O Menino do Dinheiro do Sertão. São Paulo: Editora DSOP, 2014.

GONÇALVES, Ricardo M. "Textos Budistas e Zen Budistas". Sao Paulo: Editora Cultrix, 1996.

PERROTTI, Edmir. Confinamento cultural, infância e leitura. São Paulo: Summus, 1990. (col. Novas buscas em educação;v.38)

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas, Martins Fontes, São Paulo, 2002.

NEGRO, Maurício. Por Fora Bela Viola. São Paulo: Edições SM, 2014.

ROMANI, Elizabeth. Design do livro-objeto infantil. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

SAMARA, Timothy. Grid: construção e desconstrução. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SUASSUNA, Ariano. O Movimento Armorial. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1974.

SITES:

GASPAR, Lúcia. Movimento Armorial. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 23 out. 2016.

ESCLAPES, Alexandre." O conceito de impermanência no Budismo e na psicanálise". São Paulo. Disponível em: <<http://www.monjacoen.com.br/textos-budistas/textos-diversos/309-o>>. Acesso em 24 set. 2016

MAGALHÃES, Luana. "AVES NA CHAPADA DOS VEADEIROS - Projeto e ilustração de um álbum de figurinhas." Disponível em: <<https://luanasantabrigida.files.wordpress.com/2015/06/relatc3b3rio-aves-na-chapada-dos-veadeiros.pdf>> Acesso em 21 set. 2016.

VÍDEOS:

“O segredo da ilustração de Fernando Vilela”. Crescer. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=32PMKUQ14Fk>>. Acesso em: 12 out. 2016.

“Maurício Negro ‘ A origem do traço da Terra”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h9zSRJl_pVA>. Acesso em 24 set. 2016

APÊNDICE :

FILIFE TAVARES

A HISTÓRIA DE ZÊ ZEN

APRENDIZ DE MONGE NO SERTÃO



Fav

FACULDADE DE ARTES VISUAIS | UFG



FILIFE TAVARES

A HISTÓRIA DE ZÉ ZEN

APRENDIZ DE MONGE NO SERTÃO

DOS SANTOS, FILIFE TAVARES

A HISTÓRIA DE ZÉ ZEN: APRENDIZ DE MONGE NO SERTÃO /
FILIFE TAVARES DOS SANTOS. - GOIÂNIA, 2016. -
FACULDADE DE ARTES VISUAIS - UFG

TCC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. FAV.
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS, HABILITAÇÃO EM DESIGN GRÁFICO
ORIENTADOR: MARIA CECÍLIA FITTIPALDI VESSANI

1. LITERATURA INFANTIL 2. LIVRO ILUSTRADO

1ª EDIÇÃO

ESTE LIVRO É DEDICADO ÀQUELES, QUE AO LONGO DOS ANOS DE GRADUAÇÃO NA UFG, FIZERAM-SE PRESENTES E SÃO PERSONAGENS VIVOS EM MINHA MEMÓRIA. PROFESSORES E COLEGAS QUE CONTRIBUÍRAM PARA QUE A EXPERIÊNCIA DE FAZER UM CURSO SUPERIOR FOSSE SIGNIFICATIVA.

AOS MEUS PAIS, WALTER E CONCEIÇÃO, MAIORES CONTRIBUIDORES NA CONSTRUÇÃO DESTE CAMINHO. ETERNAMENTE EM MEU CORAÇÃO E MENTE.

À LUDMYLLA OLIVEIRA, CO-AUTORA DESTA HISTÓRIA. COMPANHEIRA EM MELHOR ENTENDER COMO FAZER ESTE LIVRO, ASSIM COMO OUTRAS TANTAS COISAS DA VIDA.

À PROFESSORA CIÇA, POR "ABRAÇAR A CAUSA" E DESDE O INÍCIO TER DISPONIBILIZADO SEUS MUITOS CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIA EM PROL DA REALIZAÇÃO DESTA OBRA.

AOS AMIGOS YKARO VENÂNCIO E RAPHAEL SARDINHA, PELA LEALDADE, AMIZADE SINCERA E COMPANHEIRISMO DEMONSTRADOS AO LONGO DESTES ANOS DE GRADUAÇÃO.

AOS PROFESSORES WAGNER BANDEIRA, WOLNEY FERNANDES E CLEOMAR ROCHA, POR TEREM CATIVADO EM MIM EMPATIA E ADMIRAÇÃO ATRAVÉS DE SUAS AULAS E JEITO DE SER.

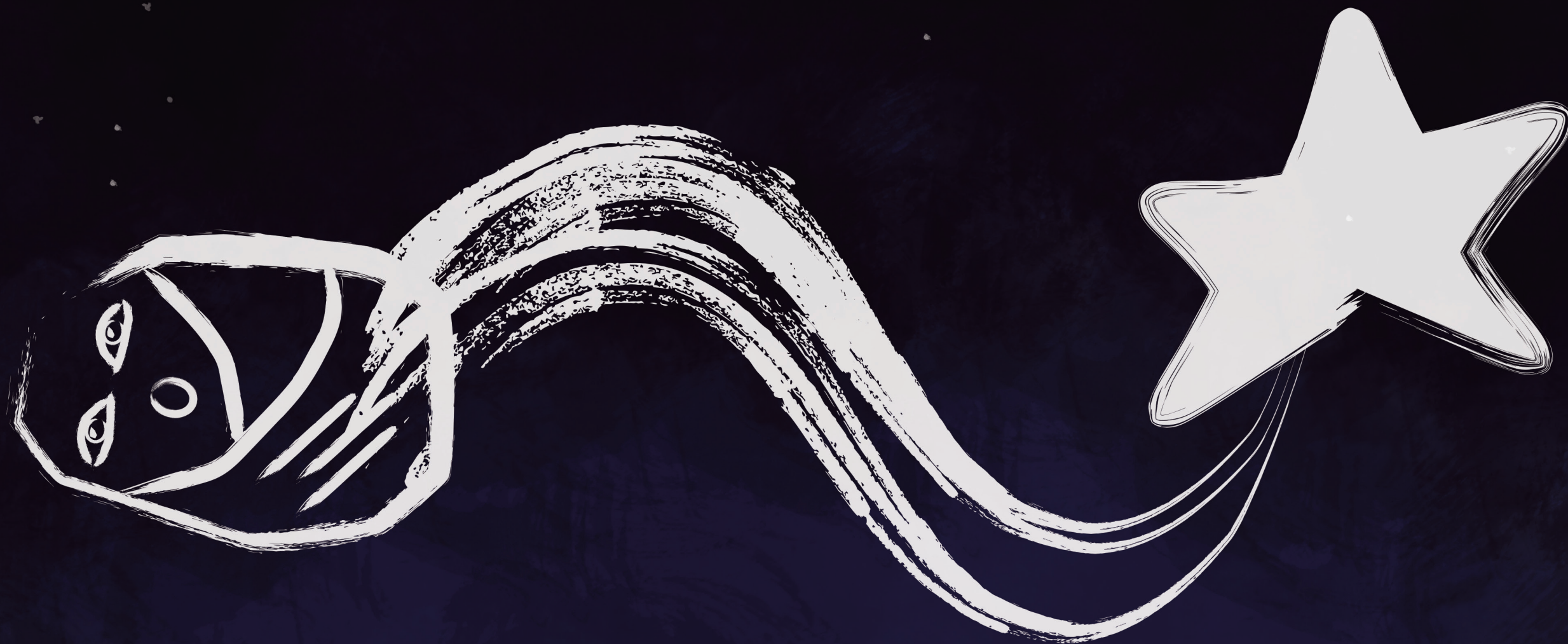
POR FIM, À JOHN TURNER, PELO QUAL EU CHEGUEI AO MONASTÉRIO BUDISTA BIRKEM, EM KAMLOOPS, ONDE FOI CRIADO O EMBRIÃO IDEOLÓGICO DESTE LIVRO.

LUZ PAZ E AMOR.

Fav

FACULDADE DE ARTES VISUAIS | UFG

SÓ OUVIA-SE A ZUADA SEM TAMANHO PROVOCADA PELA
FAMÍLIA DE ZÉ DENTRO DA CASINHA DE TAIPA NO SERTÃO.
RODEADO POR SEUS IRMÃOS MANOEL, JOAQUIM E SEBASTIANA,
O MENINO JOSÉ NASCEU, ELE CHOROU E SORRIU AO ENCHER
OS PULMÕES DE VIDA VENDO A ESTRELA DO ORIENTE.



À NOITE SE ABESTAVA COM AS MARAVILHAS DO CÉU,
ÀS VEZES ATÉ SE IMAGINAVA SENTADO NA LUA PESCANDO ESTRELAS.

JOSÉ, QUE NO SERTÃO É ZÉ, CRESCEU DE BUTUCA NO CANTO
DOS PASSARINHOS DE MANHÃ. PELO DIA BRINCAVA COM SEUS
IRMÃO E AS GALINHAS NO QUINTAL.



TODOS OS DIAS BEM CEDINHO ZÉ MONTAVA NA CARCUNDA DE LUNA, A MULA DA FAMÍLIA, E ÍAM EM BUSCA DE ÁGUA NO POÇO.

ZÉ GOSTAVA PORQUE LUNA ANDAVA DEVAGARINHO. QUANDO CHEGAVA EM CASA, GOSTAVA DE PASSAR AS MÃOS NO PELO MACIO DE LUNA E SENTIR O CALOR QUE VINHA DO SEU CORPO. ELE SABIA QUE ELA ENTENDIA SEU CARINHO.



UM DIA, ZÉ AJUDAVA SUA MÃE A PEGAR MACAXEIRA ATRÁS DA CASA
QUANDO SOUBE POR SEU IRMÃO A NOTÍCIA QUE LHE PARTIU O CORAÇÃO.

TRISTONHO MANOEL ANUNCIOU:

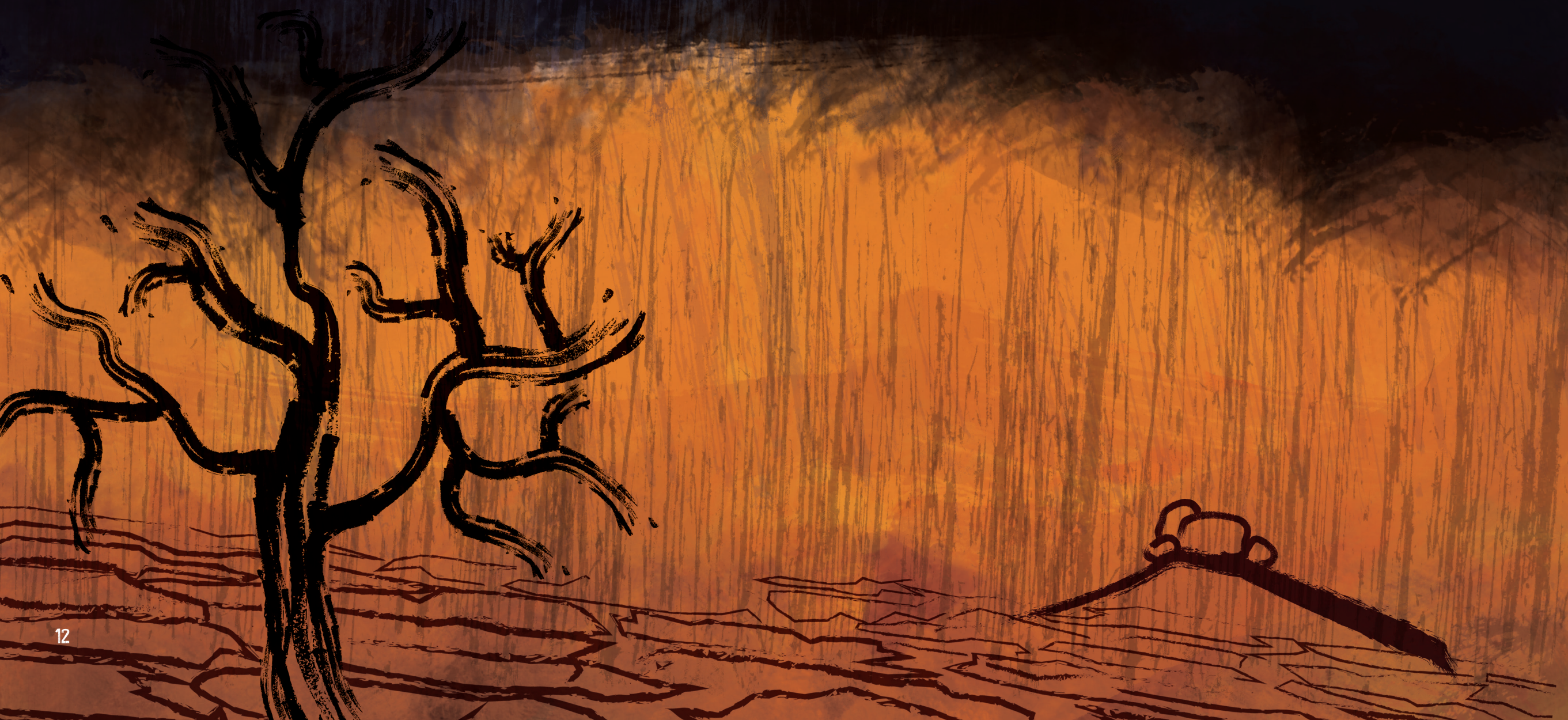
- "MÃE, LUNA MORREU.

O PAI TA ENTERRANDO ELA DEBAIXO DO PÉ DE MANGA."

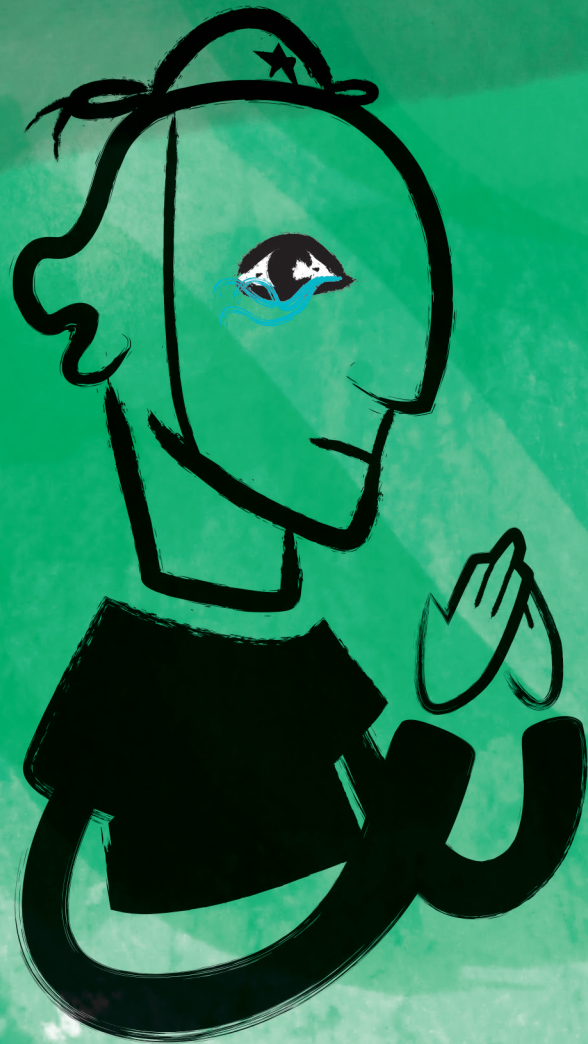
ZÉ LARGOU A ENXADA E CORREU
AO ENCONTRO DE LUNA PARA SE DESPEDIR.



CHEGANDO AO LUGAR EM QUE LUNA ESTAVA ENTERRADA,
CHOROU LAGRIMA DE SAUDADE. ELE LEMBROU VAI E VEM
VAGAROSO DO REMELECHO DE LUNA E DO CALOR QUE SENTIA
QUANDO PASSAVA A MÃO EM SEU PELO MACIO.
ZÉ SABIA QUE A SECA REINAVA, MAS ERA COMO SE CHOVESSE.



MESMO SENTIDO UM ARROCHO NO MEIO DO PEITO, AS LÁGRIMAS QUE ESCORRIAM EM SEU ROSTO TRANSPORTARAM ZÉ PRUM LUGAR DIFERENTE, UM LUGAR QUE ELE JA TINHA SONHADO MUITAS VEZES. NÃO ERA UM LUGAR QUE NEM O SERTÃO, ERA UM LUGAR DISTANTE. DENTRO DE SUA IMAGINAÇÃO.

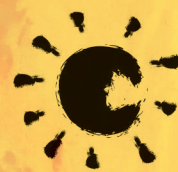




ZÉ SORRIU PRA ELE,
ERA COMO SE JÁ O CONHECESSE.

ZÉ OUVIU UMA VOZ.
UMA VOZ DOCE, QUASE QUE NEM MÚSICA.
COMO NUM PISCAR DE OLHOS, SURTIU UM HOMEM,
USANDO ROUPAS SIMPLES E QUE NÃO TINHA CABELO.

E FOI QUANDO ESSE HOMEM SE APRESENTOU:
EU SOU A VOZ QUE VIVE EM SEU CORAÇÃO,
EU SOU O CANTO DOS PASSARINHOS,
SOU TAMBÉM AS ESTRELAS QUE TANTO ADMIRA,
SOU O VENTO QUE TOCA SEU ROSTO,
SOU OS BICHOS QUE BRINCAM COM VOCÊ,
SOU AS ÁRVORES, AS MONTANHAS
E SOU TUDO QUE SEUS OLHOS PODEM VER
E QUE SEU CORAÇÃO PODE SENTIR...
SOU VOCÊ.






AQUELE FOI O PRIMEIRO ENCONTRO DE ZÉ COM SEU MESTRE
SEU PRIMEIRO ENSINAMENTO: "A LEI DA IMPERMANÊNCIA".
ZÉ ENTENDEU, QUE NADA ESTAVA ALI PARA SEMPRE, NADA ERA DELE.

NAQUELA MESMA HORA UMA LÁGRIMA CAIU NO CHÃO DE BARRO,
ZÉ ABRIU OS OLHOS E SORRIU, ENTENDEU QUE LUNA
NÃO TINHA DEIXADO DE EXISTIR, TINHA APENAS
SE TRANSFORMADO E A DOR DO PEITO DESAPARECEU.

ZÉ NASCEU E CRESCER NO SERTÃO,
MAS TAMBÉM ERA DO JAPÃO, CHINA, ÍNDIA
E DE TANTOS OUTROS LUGARES.
ZÉ É ZEN.
ENTENDEU COMO A VIDA FLUI.



The image is a full-page artistic illustration. The top portion features a sky with textured, layered brushstrokes in shades of blue and teal. Below the sky, a range of jagged, mountain-like peaks is rendered in warm, golden-orange tones, also with a painterly, textured appearance. The bottom third of the image is dominated by a foreground of dark, irregular, cracked lines that resemble parched earth or a network of veins. The overall style is expressive and textured, reminiscent of a watercolor or mixed-media painting.

MIOLO EM PAPEL SULFITE 120G
CAPA EM PAPEL COUCHÉ 250G
FONTES CORDELINA E EASTERN BRUSH

A HISTÓRIA DE ZÉ ZEN PODERIA SER A MINHA
OU A SUA. NADA MAIS HUMANO DO QUE
A DESCOBERTA DE SI MESMO PELA PERDA. ENTRE O ORIENTE E O
SERTÃO HÁ ESPAÇO SUFICIENTE PARA PERDER-SE EM TERRITÓRIOS
VARIADOS E ZÉ ZEN DESDOBRE BEM CEDO QUE OS
DESCONHECIMENTOS PODEM TAMBÉM BROTAR DA TERRA ONDE
NASCEU, DAQUILO QUE SE CONHECE COMO A PALMA DA MÃO.

A FLUIDEZ DESTE FLORESCIMENTO TAMBÉM ESTÁ CONTIDA NAS
IMAGENS CRIADAS PARA ESTA NARRATIVA QUE TRANSITA ENTRE O
QUENTE E O FRIO, ENTRE O TRAÇO FIRME E A FLUIDEZ DE IMAGENS
QUE NOS DESPRENDEM DO CHÃO. NO INTERVALO DE TODOS OS
"ENTRES" DESTA HISTÓRIA HÁ UM CERTO DESPRENDIMENTO E O
ENTENDIMENTO DE QUE A MUDANÇA É A ÚNICA
CONSTANTE DA VIDA.

WOLNEY FERNANDES



9 771473 968012 >